



**UFC**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CAMPUS DE SOBRAL**  
**CURSO DE MÚSICA – LICENCIATURA**

**LUCAS DE SOUZA TEIXEIRA**

**A INFLUÊNCIA DA CAPACITAÇÃO DE MESTRES DE BANDA NA FORMAÇÃO  
DOS ESTUDANTES DO CURSO DE MÚSICA - LICENCIATURA DA UFC, *CAMPUS*  
SOBRAL**

**SOBRAL**

**2017**

LUCAS DE SOUZA TEIXEIRA

A INFLUÊNCIA DA CAPACITAÇÃO DE MESTRES DE BANDA NA FORMAÇÃO DOS  
ESTUDANTES DO CURSO DE MÚSICA - LICENCIATURA DA UFC, *CAMPUS*  
SOBRAL

Monografia apresentada ao Curso de Música –  
Licenciatura da Universidade Federal do  
Ceará, *Campus* Sobral como requisito parcial à  
obtenção do título de Licenciado em Música.  
Área de concentração: Música.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio Toledo  
Nascimento.

SOBRAL

2017

LUCAS DE SOUZA TEIXEIRA

A INFLUÊNCIA DA CAPACITAÇÃO DE MESTRES DE BANDA NA FORMAÇÃO DOS  
ESTUDANTES DO CURSO DE MÚSICA - LICENCIATURA DA UFC, *CAMPUS*  
SOBRAL

Monografia apresentada ao Curso de Música –  
Licenciatura da Universidade Federal do  
Ceará, *Campus* Sobral como requisito parcial à  
obtenção do título de Licenciado em Música.  
Área de concentração: Música.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Marco Antonio Toledo Nascimento (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dra. Adeline Annelise Marie Stervinou  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Tiago, de Quadros Maia Carvalho  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus.

Aos meus pais, meus amigos e familiares que  
estiveram comigo durante toda essa  
caminhada.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Prof. Dr. Marco Antonio Toledo Nascimento, pela excelente orientação.

Aos professores participantes da banca examinadora Dra. Adeline Annelise Marie Stervinou e Dr. Tiago de Quadros Maia Carvalho pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões.

Aos colegas da Capacitação de Mestres de Banda, pelo tempo concedido nos questionários e entrevistas.

Aos colegas de graduação e demais professores, pelas reflexões, críticas e sugestões.

## RESUMO

O presente texto trata de um trabalho de conclusão de curso dentro do Curso de Música – Licenciatura da Universidade Federal do Ceará, *Campus* Sobral que pretende investigar a influência do curso de extensão Capacitação de Mestres de Banda na formação dos alunos do Curso de Música da Universidade Federal do Ceará, *Campus* Sobral. As suas atividades deram início no ano de 2012 e foi um curso que à princípio foi idealizado para os mestres e músicos líderes das bandas de música da região norte do Estado do Ceará e cidades vizinhas. No entanto, com o tempo muitos estudantes do curso de graduação fizeram e fazem parte deste curso até os dias de hoje, partilhando assim dos mesmos momentos de ensaios, apresentações, formações e propostas que os mestres e músicos líderes através da Banda do Norte, grupo formado dentro do curso de Capacitação de Mestres de Banda com o intuito de ser um laboratório para que os próprios alunos da extensão possam observar e pôr em prática os conteúdos de técnica instrumental, prática de conjunto, solfejo, condução de ensaio e de regência de banda como é previsto no projeto. Procuramos então, identificar se essa participação produz influências que colaboram de forma construtiva na vida acadêmica e profissional dos graduandos e graduados do curso. Temos como objetivo realizar uma compilação e reflexão dos depoimentos desses participantes sobre o aprendizado ocorrido nos encontros/ensaios, bem como a importância do contato com os músicos e mestres de outras bandas da região que também participaram do referido curso de extensão. Faremos, ainda, um levantamento sobre o contexto social, educacional e histórico das bandas de música na região através de análise de documentos e outras pesquisas realizadas previamente com o intuito de compreender um pouco mais sobre a realidade de nossas bandas de música, a formação de seus mestres e músicos além de seus papéis culturais, sociais e na educação de seus respectivos municípios. Além disso, também buscaremos identificar as metodologias de ensino e de aprendizagem e técnicas de ensaio envolvidas no referido curso de capacitação de mestres de banda. Essa pesquisa dialoga com importantes autores conhecidos no Brasil todo por tratarem da importância histórica das bandas de música na cultura e educação musical do nosso país como Marco Antonio Toledo Nascimento (2015), Joel Barbosa (1996) e M. Granja (1984). Como estratégia metodológica utilizaremos a observação participante, aplicação de questionário e entrevista de grupo focal com base em autores como D. Morgan (1997), Leny Trad (2009) e Maria Eugênia Costa (2006).

**Palavras-chave:** Banda de Música. Formação Docente. Influências.

## ABSTRACT

The present text deals with a work of conclusion of course within the Course of Music - Licenciatura of the Federal University of Ceará, Campus Sobral that intends to investigate the influence of the extension course Training of Masters of Band in the formation of the students of the Course of Music of the University Federal University of Ceará, Campus Sobral. Its activities began in the year of 2012 and was a course that at first was idealized for the masters and musicians leaders of the bands of the northern region of the State of Ceará and neighboring cities. However, over time many undergraduate students have taken part in this course to this day, thus sharing the same moments of rehearsals, presentations, trainings and proposals as the leading masters and musicians through the Northern Band, group formed within the Band Masters Training course with the aim of being a laboratory so that the extension students themselves can observe and put into practice the contents of instrumental technique, ensemble practice, solfege, test conduction and band regency as provided in the project. We then try to identify if this participation produces influences that collaborate constructively in the academic and professional life of undergraduates and graduates of the course. We aim to make a compilation and reflection of the testimonies of these participants about the learning occurred in the meetings / rehearsals, as well as the importance of the contact with the musicians and masters of other bands of the region who also participated in the said extension course. We will also make a survey on the social, educational and historical context of the bands of music in the region through document analysis and other previous researches with the intention of understanding a little more about the reality of our bands, the formation of their masters and musicians beyond their cultural and social roles and in the education of their respective municipalities. In addition, we will also seek to identify the teaching and learning methodologies and test techniques involved in the above-mentioned masters training course. This research dialogues with important authors known all over Brazil to discuss the historical importance of music bands in our country's culture and music education, such as Marco Antonio Toledo Nascimento (2015), Joel Barbosa (1996) and M. Granja (1984). As a methodological strategy we will use participant observation, questionnaire application and focus group interview based on authors such as D. Morgan (1997), Leny Trad (2009) and Maria Eugênia Costa (2006).

**Keywords:** Musical band. Teacher Training. Influences.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CAP	Capacitação de Mestres de Banda
FUARTE	Fundação Nacional de Arte
PIBID	Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
UFC	Universidade Federal do Ceará

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>Ponto de Partida .....</b>	<b>09</b>
<b>2</b>	<b>A procura de Respostas .....</b>	<b>15</b>
<b>2.1</b>	<b>Observação Participante .....</b>	<b>15</b>
<b>2.2</b>	<b>Análise do Questionário .....</b>	<b>18</b>
<b>2.3</b>	<b>Análise da Entrevista.....</b>	<b>23</b>
<b>3</b>	<b>Conclusão.....</b>	<b>41</b>
	<b>Referências .....</b>	<b>45</b>

## 1 - PONTO DE PARTIDA

O presente trabalho pretende investigar e analisar a influência da Capacitação de Mestres de Banda na formação dos alunos do Curso de Música da Universidade Federal do Ceará, *Campus Sobral*, e saber se e como essas influências colaboram de forma construtiva na vida acadêmica dos formandos e dos alunos já formados que participaram da Capacitação de Mestres de Banda durante a sua graduação. Além disso, buscar entender se o contato com a metodologia aplicada e com os músicos e mestres de outras bandas da região já participantes da Capacitação acrescentou algo na sua vida acadêmica.

Contextualizando sobre a nossa realidade de ensino de música no Brasil, ainda hoje, em pleno século XXI, existem sérios problemas em sua implantação nas escolas, mesmo com a difusão de políticas públicas voltadas para o seu desenvolvimento como a criação da lei 13.278/16 que diz que a música, o teatro, as artes visuais e a dança devem ser conteúdo obrigatório do componente curricular e apesar disso, ainda existem tentativas no governo com o intuito buscam banir as artes como disciplina obrigatória. Um exemplo disso são as remanescentes investidas do governo atual com mudanças realizadas no ensino médio brasileiro. São muitos os fatores que impossibilitam a presença da música como componente curricular nas escolas brasileiras. Dentre tantos empecilhos, a falta de estrutura apropriada, uma flexibilidade maior no sistema de educação à entrada da música e de outras artes como disciplinas obrigatórias e a formação adequada de profissionais que possam conduzir esse processo. Ao mesmo tempo e com tantas dificuldades, ainda hoje temos as bandas de música ou como cita Tacuchian (2009) “o conservatório do povo” que foram e ainda são responsáveis por uma formação musical, principalmente nas cidades do interior do estado do Ceará, exercendo um papel educacional, social e cultural perante a sociedade.

Barbosa (1996) nos lembra de algo muito importante:

A maioria dos instrumentistas brasileiros de sopro que trabalham profissionalmente em bandas militares, civis, ou orquestras recebeu sua formação elementar em bandas. As bandas de música tem sido um dos meios mais utilizados no ensino elementar da música instrumental, de sopro e percussão, no nosso país. O número dessas instituições supera o número de escolas de música. Além disso, a maioria das escolas de música não ensinam instrumentos de sopro e das que ensinam apenas alguns desses instrumentos são oferecidos. Enquanto, as bandas têm ministrado aulas de todos os instrumentos que compreendem seu quadro.

Segundo o pensamento de Nascimento (2015) podemos ver as bandas de música como agentes democratizadores do ensino musical já que é pequena a presença de escolas de música, principalmente públicas, nas cidades do interior.

Justamente por entender a necessidade de uma melhor formação para os mestres de banda e a importância na manutenção pedagógica das bandas de música do Brasil mas, mais especificamente das bandas da região norte do estado do Ceará, o Curso de música da Universidade Federal do Ceará (UFC), *Campus Sobral*, oferece um curso de extensão de Capacitação de Mestres de Banda desde o ano de 2012, que segundo seu projeto original tem o objetivo de promover uma formação e o desenvolvimento profissional dos mestres, músicos líderes e membros de bandas de música da região Norte do estado do Ceará através de um curso de capacitação de mestres de banda de música possibilitando uma formação baseada em teoria musical, regência, metodologias de ensino e interpretação.

Ainda reforçando a necessidade da manutenção de nossas bandas de música Nascimento (2015) traz dados relevantes sobre as bandas de música da região norte do estado do Ceará. Segundo o autor cerca 82,8% das bandas em atividade na região norte do estado funcionam como escolas de música para as comunidades nas quais pertencem. Um dado que reforça ainda mais a sua importância para a comunidade como um agente de subversão na luta contra os problemas sociais, já que na maioria dos casos as bandas já vêm há muitos anos realizando um trabalho de educação em seus contextos sociais. Na mesma pesquisa foi constatado que 82,8% dos mestres dessas bandas já passaram por algum tipo de formação na área de educação musical ou música instrumental tendo em vista que todos trabalham com música há pelo menos 14 anos. Tratando do tempo de estudo de cada mestre, segundo o estudo, 17,14% estudam música entre 14 e 16 anos, 37,14% entre 20 e 27 anos, 28,57% entre 30 e 37 anos, 11,42% entre 40 e 43 anos e apenas 5,7% estuda música a mais de 50 anos. Mas ainda se tratando de formações voltadas a bandas de música cerca 74,28% dos participantes disseram que conhecem cursos de formação, mas ainda cerca de 25,71% não conhecem. Dentre os que conhecem, os mais citados foram os cursos oferecidos no Festival Música na Ibiabapa e a Capacitação de Mestres de Banda da Universidade Federal do Ceará, *Campus Sobral*. Esse estudo ainda nos diz que cerca de 54,2% dos mestres de banda tem alguma formação pedagógica em outra área, o que evidentemente é bom para eles enquanto indivíduos, mas talvez não tão relevante para o exercício do seu papel como “mestre de banda” que segundo Granja (1984, p. 98) é a figura que exerce uma função de orientação musical e liderança na banda.

Dentro da capacitação foi formado a Banda do Norte, grupo instrumental constituída por músicos e maestros das bandas de música da região, inclusive por músicos que

são estudantes do curso de Música - Licenciatura da UFC, *Campus Sobral*, proporcionando um contato dos estudantes em formação com os maestros e músicos da região e com uma formação pensada, à princípio, apenas para essas pessoas. Com esse encontro de conhecimentos criou-se nos encontros/ensaios da Capacitação de Mestres de Banda através da Banda do Norte um ambiente de interação entre diferentes gerações, realidades de ensino e experiências em bandas de música.

Ainda, buscando uma melhor contextualização ao leitor realizamos um pequeno levantamento histórico, social e cultural sobre as bandas de música da região Norte do Estado do Ceará através de pesquisa bibliográfica e interpretação de dados, principalmente os que são apresentados no estudo “Mapeamento das Bandas de Música em Atividade na Região Noroeste do Ceará” (NASCIMENTO, 2015) e no Plano Político Pedagógico do Curso de Música Licenciatura da Universidade Federal do Ceará – *Campus Sobral*. Nesses documentos, além de dados sobre o acesso dos músicos e mestres de banda da região a uma formação na área, constam diversas menções ao tradicionalismo das bandas de música em nossa região.

Estudando as ementas das disciplinas de Sopros I, II, III e IV, que são obrigatórias para os estudantes que optam por essa prática instrumental, notamos que o documento prevê uma série de conteúdos voltados à performance instrumental além de dimensões técnicas e didáticas para a formação de grupos instrumentais, contudo ainda não constatamos nessas disciplinas conteúdos voltados especificamente para a prática em bandas de música, embora essa dispunha de uma bibliografia básica quase que toda voltada para bandas de música. O mesmo acontece quando observamos as ementas das disciplinas de Regência (I, II e III) onde se propõe o ensino do gestual referente a regência, interpretação e técnicas de ensaio. Ainda aqui não encontramos conteúdo ou uma proposta que cite ou especifique a regência voltada para bandas de música.

Interessante atentar para o fato de que o PPC do Curso de Música da UFC *Campus Sobral* fala da tradição das bandas de música e além disso que um dos princípios norteadores do curso se trata do estímulo à democratização do acesso ao ensino de música, através da formação de educadores conscientes e comprometidos com a realidade em que atuam (Universidade Federal do Ceará, 2014). Contudo, o documento não fala de uma formação diretamente voltada para atuação em bandas de música, um ponto forte e tradicional da realidade musical na região.

Sabendo que o Projeto Pedagógico de Curso (PPC) do Curso de Música – Licenciatura da UFC, *Campus Sobral*, traz como uma das suas justificativas os benefícios de

sua existência para a comunidade da região Norte do estado do Ceará que conta com uma clara tradição musical através das bandas de música, que, como dito anteriormente, são as responsáveis por pelo menos a iniciação musical de muitas pessoas que vivem em cidades de interior. Essa pesquisa se justifica por buscar uma análise de como o curso de Música da UFC/Sobral tem atendido essa demanda estabelecida pelo PPP.

Além disso, essa pesquisa pode contribuir com o Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso de música fornecendo informações sobre como estão sendo desenvolvidas as atividades da Capacitação de Mestres de Banda e a sua contribuição para a formação dos estudantes do curso.

Assim, pelo exposto acima elaboramos a seguinte pergunta:

**Qual influência da capacitação de mestres de banda na formação dos estudantes do curso de música - licenciatura da UFC, *Campus* Sobral?**

O presente trabalho traça seus objetivos, com a pretensão de investigar as influências da Capacitação de Mestres de Banda, curso de extensão oferecido pelo Curso de Música Licenciatura da Universidade Federal do Ceará, *Campus* Sobral, na formação acadêmica dos estudantes do referido curso como professores. Importante destacar que inicialmente, a Capacitação foi pensada apenas para mestres e músicos de bandas de música da região norte do Estado do Ceará. Além disso, dentro dos objetivos específicos buscamos identificar as metodologias de ensino e de aprendizagem envolvidas na capacitação de mestres de banda, realizar um breve levantamento com os estudantes e ex-estudantes participantes da Capacitação de Mestres de Banda acerca de faixa etária, tempo de participação, iniciação dos estudos em música e seus percursos dentro do Curso de Música da UFC *Campus* Sobral. Ainda, objetivamos compilar e refletir sobre os depoimentos de ingressos e concludentes do Curso de Música - Licenciatura da UFC, *Campus* de Sobral, que participaram da capacitação e saber se dentro de todo o processo, como citado anteriormente, o contato com outros músicos de bandas de música da região causou algum benefício a formação dos estudantes do curso, em formação e já formados.

O universo desta pesquisa tem como recorte investigativo os estudantes em formação e graduados do curso de Música - Licenciatura da UFC, *Campus* Sobral, que participam da Capacitação de Mestres de Banda. Entendendo que para alcançar os nossos objetivos trataremos com pessoas e suas particularidades, optamos por realizar um estudo de

caráter qualitativo, através de abordagem etnográfica devido as possibilidades que essa metodologia nos possibilita quanto aos instrumentos de coleta de dados, como nos explica Chizzotti (2006):

Na etnografia se pode utilizar da observação participante e contextualizada e de anotações feitas nessas observações, uma vez que essas serviram para descrever o que se é observado com a maior riqueza de detalhes possível. Além da observação participante se pode utilizar entrevista, histórias de vida, autobiografias, práticas interacionistas e quais quer outros meios de coligir informações a partir do trabalho de campo.

Primeiramente, realizamos observação participante nos encontros/ensaios da Capacitação. Buscamos observar a dinâmica de trabalho utilizada nesses encontros/ensaios, visando uma melhor compreensão do objeto em estudo. Além disso, realizamos um pequeno levantamento com os estudantes e ex-estudantes através da aplicação de um questionário quantitativo aplicado através da plataforma Google Forms, onde esses responderam questões relacionadas ao tempo de estudo de música, de participação na CAP, seu envolvimento com bandas de música na vida fora Universidade, entre outras, visando a obtenção de dados de uma maneira mais objetiva. Após uma análise com base na observação participante e minha experiência dentro da Capacitação de Mestres de Banda, escolhemos os estudantes com disponibilidade de tempo para comparecimento na entrevista e que sejam participantes ingressos em diferentes períodos da Capacitação de Mestres de Banda. Esses foram os critérios para a realização do segundo passo da pesquisa onde, com essa amostra de estudantes e ex-estudantes, foi feita uma entrevista em grupo focal, buscando maiores detalhamentos sobre as questões pesquisadas e uma melhor obtenção de dados para a elaboração do relatório final.

Ainda sobre o uso de grupo focal, entendemos esse como um instrumento mais adequado para obtenção dos dados que procuramos, pois temos a consciência que nosso estudo trata de algo além de números nesse momento, trata sobre histórias, sentimentos, vivências e acima de tudo trata com pessoas, que carregam consigo suas experiências sobre o que está sendo pesquisado. Podemos entender mais sobre isso quando dialogamos com autores como Morgan (1997) que nos diz entrevista de grupo focal que se trata de uma técnica de pesquisa qualitativa, derivada das entrevistas grupais, como uma coleta informações por meio das interações grupais. Trad (2009) através das ideias de Kitzinger (2000) nos diz que:

O grupo focal é uma forma de entrevistas com grupos, baseada na comunicação e na interação. Seu principal objetivo é reunir informações detalhadas sobre um tópico específico (sugerido por um pesquisador, coordenador ou moderador do grupo) a

partir de um grupo de participantes selecionados. Ele busca colher informações que possam proporcionar a compreensão de percepções, crenças, atitudes sobre um tema, produto ou serviços.

Ainda, Costa (2006) expõe claramente os benefícios do uso desse instrumento na pesquisa quando diz que:

O grupo focal apresenta vantagens relacionadas à sinergia gerada pela participação conjunta do grupo de entrevistados; a interação entre os participantes, que enriquece as respostas; a flexibilidade para o moderador na condução do roteiro; a profundidade e a qualidade das verbalizações e expressões;

Por outro lado, no mesmo texto a autora também nos alerta sobre alguns riscos sobre o uso do mesmo. Fatores que por um lado podem ser considerados vantajosos, mas que em determinadas situações pode não ser entendidos como aliados do pesquisador, tais como um controle não totalitário do moderador sobre os dados, o fato de a coleta não está sendo feita em um ambiente natural para os indivíduos, já que existe toda uma estrutura e formato para que essa entrevista aconteça, além da possibilidade de que a opinião de um determinado participante causar interferências nas respostas de outros participantes, fazendo com que os resultados sejam influenciados por opiniões ditas “mais fortes”.

Contudo para que o instrumento funcione de maneira positiva à obtenção de dados o mais fidedignamente possível, existem algumas medidas à serem levadas em consideração tais como a elaboração de um roteiro, onde o moderador irá planejar as perguntas que irão ser feitas ao grupo, pensando que essas não devem ser perguntas longas e nem muito curtas ou que segurem respostas de uma ou duas palavras, menos complexas possível e organizadas de acordo com a sua relevância para a própria pesquisa. A figura do próprio moderador também necessita de certos cuidados, já que esse não deve influenciar as respostas dos entrevistados, mas em algum momento estimular o grupo para que todos se sintam confortáveis para expor suas respostas ao grupo.

## **2 - A PROCURA DE RESPOSTAS**

### **2.1 - Observação Participante**

Com base em observações realizadas nos encontros/ensaios da Capacitação de Mestres de Banda, que ocorrem no *Campus Mucambinho* da Universidade Federal do Ceará em Sobral, trazemos alguns pontos relevantes para essa pesquisa, pois através dessas observações conseguimos obter informações sobre o perfil desses encontros/ensaios. Lembrando que participei da Capacitação de Mestres de Banda desde o meu ingresso no Curso de Música da UFC- Sobral em 2014, mas as observações oficiais feitas para a realização dessa pesquisa foram executadas durante os dois semestres do ano de 2017.

Como explicado anteriormente, a Capacitação de Mestres de Banda é um curso de extensão da Universidade Federal do Ceará, Campus Sobral que tem como um de suas missões, segundo o seu projeto original, promover a formação e o desenvolvimento profissional dos mestres, músicos líderes e membros de bandas de música da região noroeste do estado do Ceará através de um curso de capacitação de mestres de banda de música. Esse curso existe desde 2012 e seus encontros acontecem, atualmente, todas as terças-feiras no auditório do bloco das tecnologias no Campus Mucambinho da Universidade Federal do Ceará em Sobral. Durante esse tempo de encontro, para que haja o momento prático, é formada a Banda do Norte, um grupo no formato tradicional de bandas de música com instrumentos de sopro e percussão que funciona como um laboratório para todos os envolvidos na Capacitação.

Antes do início das atividades práticas, os professores coordenadores do projeto realizam uma reunião com todos os interessados em participar do curso de extensão. Nesse momento é apresentado a todos um cronograma com as atividades propostas para o semestre, isso inclui: repertório, apresentações, organização de horários e conteúdo a serem estudados no decorrer do semestre. Tomando como exemplo o segundo semestre de 2017, a proposta se baseou no estudo de hinos e de estilos regionais através da obra *Suíte Nordestina* de José Ursicino da Silva, conhecido como Mestre Duda, um arranjo da série de arranjos para Bandas de Música da Fundação Nacional de Artes – FUNART. Após a apresentação de tudo isso, foi realizado um momento de apreciação onde pudemos ouvir as peças da proposta de trabalho sendo executadas por vários grupos diferentes e depois disso a divisão de grupos para um pequeno trabalho de análise, onde todos ganharam as grades das peças e foram orientados a

buscar o que acontece nas obras. Tomando como exemplo o trabalho realizado com a peça Suíte Nordestina, os professores pediram que localizássemos nas grades os instrumentos que faziam melodia e em qual momento isso acontecia, como acontecia a condução de vozes, mudanças de andamento e caráter da obra, observações sobre harmonia, ritmo, escrita, entre outros. Depois do primeiro contato com a obra vamos para a parte prática dos encontros, algo que se repete com mais frequência, uma vez que o primeiro contato através de análise e escuta já ocorreu. Primeiramente é feita a afinação do grupo, tomando como referência um instrumento, no caso o clarinete. Sendo realizada a primeira leitura da peça o professor/maestro traz apontamentos diversos sobre história da música; através do contexto sócio histórico em que a peça foi composta, a história dos seus compositores, a sua representação na sociedade e estética de composição. Juntamente com a apresentação de tópicos da história da música, nos encontros/ensaios são passadas lições sobre regência, os tipos de regência, técnicas de condução e organização do ensaio, ponto importante que segundo Silva (2011) enfatiza quando nos diz que:

Um ensaio planejado é essencial para que o mestre de banda escolar não faça com que este momento seja torne somente uma atividade de “passar” várias músicas. As horas de trabalho em conjunto devem servir para enriquecer musicalmente todos os membros da banda, com o desenvolvimento da capacidade de criar, apreciar e de tocar o seu instrumento. A simples execução das obras, sem a preocupação de melhorar o desenvolvimento musical, não deveria ser um hábito nas bandas escolares.

Para os mestres e futuros mestres observações e conselhos sobre a boa organização podem ser de grande importância já que sabemos que por melhor que seja a intensão do maestro/professor, de nada adianta se o momento do ensaio não estiver bem estruturado e com seus objetivos esclarecidos para todos. Portanto reforçando a importância dessa organização Cooper (2004) nos fala que:

No passado, muitos professores de música instrumental pareciam acreditar que “a música é o planejamento da lição.” Eles simplesmente determinaram a ordem das músicas para cada aula e então ensinariam até ocorrer erros que necessitam ser corrigidos. Este não é um uso eficiente do valioso tempo de aula, e não é uma abordagem profissional para a educação musical.

Durante os ensaios os professores envolvidos buscam dar suporte a todos os participantes na parte técnica dos seus respectivos instrumentos, dicas para melhorar emissão de notas, embocadura, digitação, postura e execução. Vale lembrar a importância do trabalho realizado com base na percepção musical, solfejo e até a improvisação.

Portanto, após essa observação fica mais plausível a compreensão de como se trabalha na Capacitação de Mestres de Banda e como esse trabalho é desenvolvido, tudo que é ensinado e proposto aos participantes, estudantes do Curso de Música da UFC e membros de bandas de música da região. Os dois públicos recebem o mesmo tratamento dentro do curso de extensão, partilham dos mesmos momentos e dividem as mesmas experiências.

## 2.2 - Análise do Questionário

Os dados apresentados a seguir são uma compilação das respostas dadas por dezesseis estudantes e três ex-estudantes (gráfico 1), formados do Curso de Música Licenciatura da Universidade Federal do Ceará *Campus* Sobral à um questionário de cunho quantitativo aplicado para a realização dessa pesquisa. O questionário foi enviado via plataforma digital Google Forms para vinte e três pessoas, entre elas estudantes e ex-estudantes do curso, porém somente dezenove responderam.

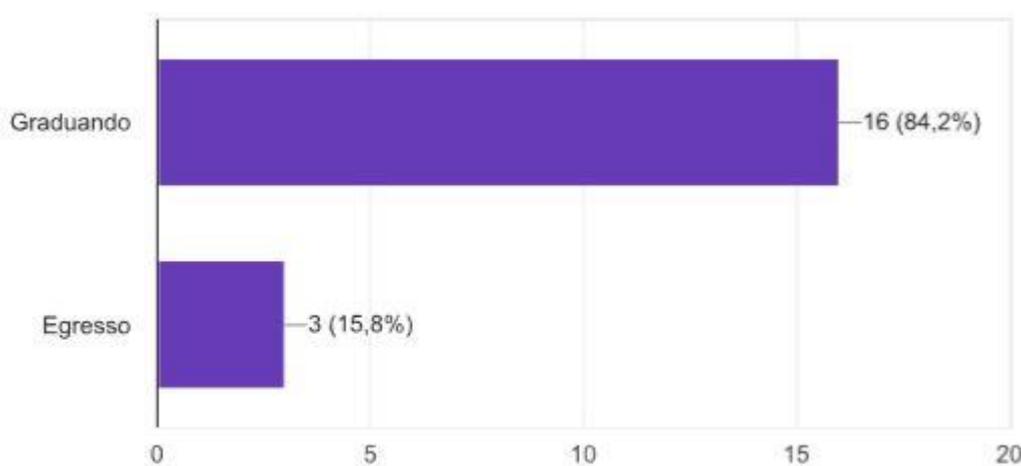


Gráfico 1

Um dos primeiros dados compilados a partir das respostas dadas no questionário, nos mostra uma faixa etária plural, que conta com participantes com dezoito anos até tinta e nove anos de idade, mostrando que o interesse por participar da Capacitação de Mestres de Banda, entre os estudantes do curso não depende de idade. Podemos supor que um ambiente em que os participantes possuem idades diferentes, pode ser bem dinâmico, podendo contribuir para troca de experiências relativas à música e vivências culturais, tais questões podem ser abordadas e um estudo futuro.

Quando perguntado se os participantes participaram ou ainda participam de bandas de música e a quanto tempo eles participam, dezesseis das dezenove respostas afirmaram que já participavam de outras bandas de músicas em diversas cidades do Estado do Ceará, tais como Sobral, Cruz, Acaraú, Graça, Massapê, Moraújo, Irauçuba, entre outras. Alguns participam de bandas a mais de quinze anos e uma grande maioria a mais de cinco anos, pelo menos. Por outro lado, três dos dezenove participantes afirmaram que não participaram de outras bandas antes e o seu primeiro contato com a formação, repertório e

ensaios de maneira prática aconteceu após participarem da Capacitação de Mestres de Banda, através da Banda do Norte.

Perguntamos quais dos participantes tinham iniciado seus estudos em música em alguma banda de música. Como demonstrado pelo gráfico 2 abaixo, a maioria dos participantes afirmou que começou a estudar música em bandas.

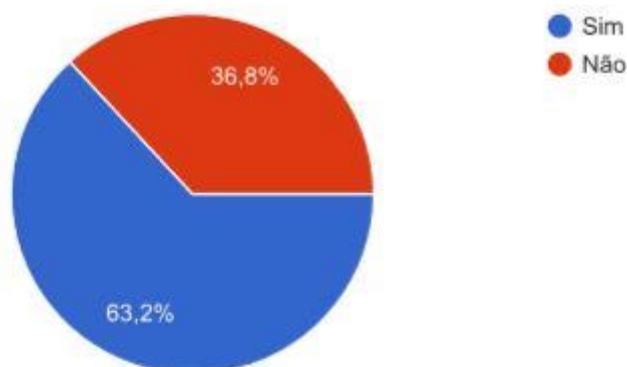


Gráfico 2

A seguir foi perguntado quantos e quais instrumentos os participantes tocam e todos responderam que tocam instrumentos de sopro e de percussão, clarinete, flauta doce e transversal, trompete, trombone, tuba e bateria e percussões. Um dado interessante é que dos dezenove participantes apenas quatro além de tocar sopros e/ou percussão afirmou tocar violão e um toca teclado.

Ainda sobre a experiência com instrumentos musicais perguntamos se os participantes já tocavam algum instrumento musical antes de entrar no Curso e das dezenove respostas apenas uma pessoa respondeu que não tocava nenhum instrumento musical antes de ingressar no curso de música, tão pouco na Capacitação de Mestres de Banda. Tal condição não impediu que esse estudante, após entrar no curso, aprendesse um instrumento e pudesse participar posteriormente da Capacitação de Mestres de Banda. Vale lembrar que o Curso de Música da Universidade Federal do Ceará *Campus* Sobral, segundo o seu Projeto Pedagógico, não exige dos seus ingressos nenhum teste de habilidade específica, possibilitando a qualquer pessoa que esteja interessada possa participar mediante ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio).

Logo, perguntamos em que ano os participantes ingressaram no Curso de Música da UFC. Como demonstrado através do gráfico 3, dentro da amostragem de estudantes do

curso que participam da Capacitação de Mestres de Banda temos estudantes que estão no curso desde 2012 (ano de início do curso de extensão da Capacitação) até 2017, pelo menos um estudante ingresso em cada ano participou dessa pesquisa. Adiantando, esse dado nos leva até um dos critérios para escolha de participantes da próxima fase desse estudo, a entrevista em grupo focal. Analisamos as respostas de outra questão que foi respondida pelos participantes. Nesse caso eles tinham que informar a quanto tempo está ou por quanto tempo esteve participando da Capacitação. As respostas mostraram um quadro bem variado, contando com pessoas que ingressaram na extensão em todos os anos de sua existencia até o presente, contando com participantes que tem mais de quatro anos de participação no curso de extensão.

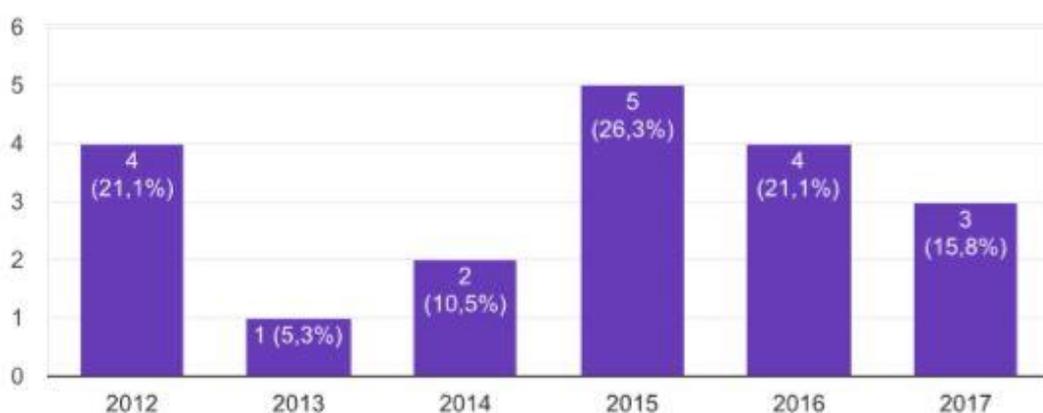


Gráfico 3

Em outra questão foi perguntado sobre a escolha das práticas instrumentais obrigatórias desses estudantes e ex-estudantes no Curso de Música. De acordo com o gráfico 4 podemos observar mais da metade dos estudantes participantes escolheram a Prática Instrumental Sopros como sua prática instrumental obrigatória. É importante lembrar que dentro do currículo o Curso de Música da UFC, mais especificamente no seu PPC é previsto que todos os estudantes que ingressem no curso, passem por quatro semestres em uma prática instrumental obrigatória podendo optar entre sopros, cordas friccionadas, violão e teclado. Após cursar esses quatro semestres em uma única prática instrumental o estudante pode continuar na mesma prática instrumental, mas agora como disciplina optativa ou participar de outras práticas mediante a oferta de turmas.

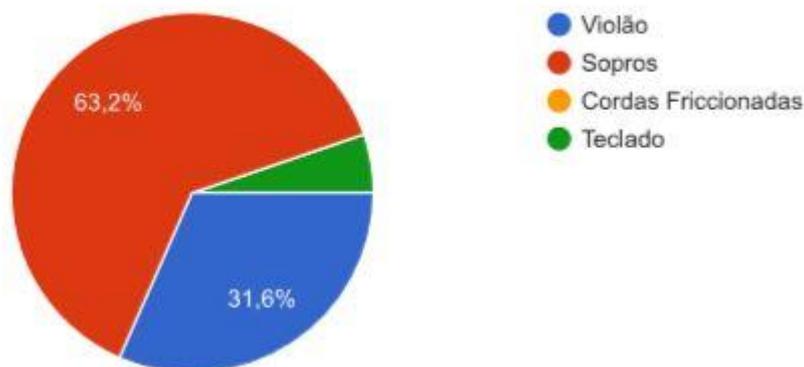


Gráfico 4

Por fim perguntamos aos participantes como eles tinham conhecido a Capacitação de Mestres de Banda. Uma maioria respondeu que conheceu o curso de extensão após entrar no curso, como mostra o gráfico 5. Na interpretação desses dados especificamente devemos fazer algumas ressalvas. Na pergunta foi disponibilizado ao participante quatro opções: “Internet”, “Através de coles que participaram”, “No curso” e “Outros” onde o participante poderia colocar algum outro meio não listado. Podemos observar que ninguém disse que conheceu a Capacitação por divulgação feita na internet. Vale ressaltar que a Capacitação de Mestres de Banda também divulga suas ações através de blog e página no *Facebook*.

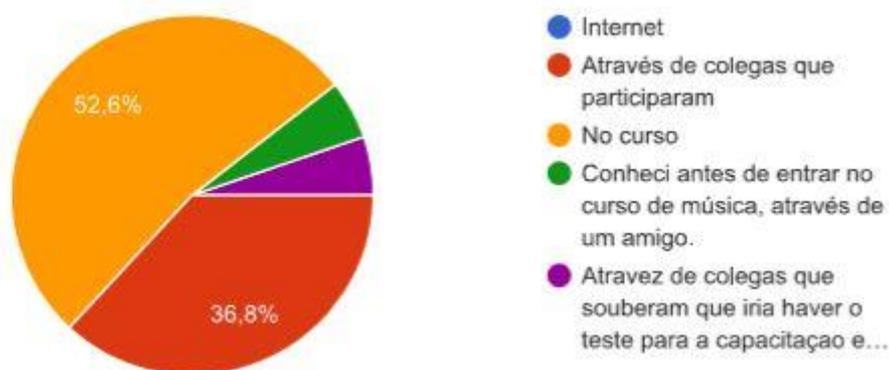


Gráfico 5

Depois dessa análise de dados, obtivemos um perfil parcial dos estudantes do Curso de Música da UFC que participam da Capacitação de Mestres de Banda, vimos que a faixa etária é bem mista, e que esses estudantes vêm de diversas cidades da região, aprendemos um pouco sobre os instrumentos que tocavam e tocam, onde começaram seus

estudos musicais, quando chegaram no Curso de Música da UFC, quais as suas práticas instrumentais, quando e como conheceram a Capacitação e começaram a participar. Com base em todos os dados coletados, junto com os dados obtidos através da observação participante realizada durante os encontros/ensaios da Capacitação, selecionamos cinco desses participantes para participar da próxima fase do estudo onde poderemos enfim buscar responder à pergunta de partida dessa pesquisa e realizar os seus objetivos. Lembrando que o critério de escolha desses cinco participantes se baseia disponibilidade de tempo para comparecimento na entrevista e que sejam participantes ingressos em diferentes períodos da Capacitação de Mestres de Banda.

### 2.3 - Análise das Entrevistas

Na segunda fase de nosso estudo, realizamos no dia vinte e um de novembro de 2017 às 13hs no bloco Mucambinho da Universidade Federal do Ceará *Campus* Sobral, uma entrevista em grupo focal com cinco participantes que atenderam ao perfil estipulado na metodologia dessa pesquisa. Foram feitas um total de oito perguntas onde os participantes puderam fazer uma reflexão sobre toda a sua carreira antes, durante, e para alguns, depois de participar da Capacitação de Mestres de Banda.

A entrevista foi dividida em duas fases, onde na primeira foram feitas perguntas mais voltadas a antes de eles serem participantes da Capacitação e a segunda fase com perguntas tratavam posteriores ao ingresso no curso de extensão. A entrevista durou cerca de uma hora.

#### **- Primeira pergunta foi: Qual o objetivo de vocês ao escolher uma licenciatura como curso superior?**

Com base nas respostas dos participantes pudemos compreender que a maioria nunca pensou em ser professor, ir para uma sala de aula e antes disso estudar toda a parte pedagógica prevista no currículo de uma licenciatura. Os participantes afirmaram, não ter entendido ou apenas não ter reparado que o Curso de Música da UFC *Campus* Sobral se tratava de uma licenciatura. A maioria afirmou buscar o curso de música por uma questão de performance, aperfeiçoamento na prática instrumental e até poder levar isso para os colegas músicos das suas respectivas cidades, mas não pensando em uma formação voltada para o ser professor e traçar uma carreira nesse sentido. Na fala do participante E5 o mesmo chegou a dizer que sua motivação para entrar nesse curso foi o simples fato de ser um curso sobre algo no qual ele se identificava, o simples fato de ser um curso de música.

Primeiramente, eu acho que para a maioria, não só para mim, mas para a maioria do pessoal que está no curso daqui de Sobral, eu acho que a falta de um bacharelado e só o fato de ser música foi o que chamou muita gente de início, e para mim foi assim que funcionou. Eu realmente vim pensando que seria uma coisa, no final das contas foi outra, mas por imaturidade mesmo do momento não sabia disso.

No decorrer de suas respostas os participantes que tiveram a mesma opinião que o participante E5 também concordaram que após entrar no curso de música e participar de programas como o <sup>1</sup>PIBID, por exemplo, os fez compreender onde estavam e o que eles

---

<sup>1</sup> PIBID: Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

poderiam fazer naquele contexto onde estavam inseridos. Eles afirmaram que depois de estar submersos no Curso puderam entender do que se tratava, qual era a proposta do mesmo e o mais interessante, como se eles tivessem se descoberto professores. Interessante observar a fala do participante E4 quando diz:

O meu caso foi quase igual ao do E1, na entrada do curso, né. Eu já tocava há mais de 20 anos e queria mais um aperfeiçoamento para ser, digamos, um dia, um regente de banda. Sabia que era licenciatura, mas não estava muito preocupado com isso na época. Queria saber mais de adquirir mais conhecimento e tudo... Aí o ponto chave para descobrir que o que eu queria era ser professor de música foi quando eu fui selecionado para a bolsa do PIBID que eu entrei na sala de aula pela primeira vez. 40 minutos lá... sabe? Aí eu cheguei para dar aula de música e consegui controlar, aí sim. Eu mudei o que eu queria ser. Tipo, um regente ou um músico profissional para ser um professor de música mesmo.

Por outro lado, o participante E2 disse que já sabia do que se tratava o Curso, e que a música em si foi algo que chegou em sua vida, integrando-se à trabalhos na área de teatro. E2, diferente do outros, disse que desde cedo se interessou pela educação e a mais ainda pela junção entre educação e arte.

É... no meu caso, foi diferente, mas ao mesmo se assemelha ao caso de vocês. No caso de vocês, vocês pensaram muito mais na prática instrumental, em se especializar e tal, para depois ir descobrindo essa parte mais do ensino. Já eu fui uma junção dos dois. Eu sempre tive esse apreso por educação, por ajudar as pessoas e sempre tive essa afinidade com o campo das artes, mais exclusivamente com artes cênicas. Mas aí a música veio de súbito há alguns anos atrás e acabou entrando assim no meu caminho... e como foi algo muito interessante, foi algo que me despertou mais ainda para essa parte da licenciatura, do ensino, da educação. Então, o que me fez chegar até aqui foi esse interesse pela arte e pela educação.

Concluimos que a maioria dos participantes afirmaram não saber que o curso era uma licenciatura ou não se deram conta disso e que somente após entrar no curso eles entenderam onde estavam e escolheram continuar. Por outro lado, ficou evidente que antes de conhecer e ter vivências com uma licenciatura, não existia pretensão nenhuma em ingressar nessa modalidade de curso superior.

**- Segunda pergunta: Qual o campo de atuação vocês almejam e/ou já atuam, entendendo que vocês são professores podendo atuar em diversos campos? Ex: Escola básica, escolas especializadas, conservatórios, bandas de música, ensino superior...**

Nesse momento obtivemos repostas bem variadas com relação ao campo de atuação pretendido e já em exercício. Na primeira resposta o participante E1 relatou ter uma grande vontade de atuar na sua cidade natal, ele descreveu esse sentimento como gratidão.

Mais especificamente o seu desejo é atuar na banda de música da sua cidade como maestro e poder repassar os conhecimentos adquiridos na Universidade. Com relação a trabalhar na escola básica ele disse que talvez, se tivesse essa oportunidade iria aproveitar, mas o seu foco mesmo é a banda de música.

Nesse primeiro momento notamos que depois de ingressar no Curso de Música Licenciatura, o participante demonstrou grande interesse em ser professor, à princípio não na escola básica, mas atuando como docente direta ou indiretamente em bandas de música.

Nas respostas do participante E2 já tivemos outra dimensão de campo de atuação pretendido. O participante afirmou que busca se formar e atuar em projetos sociais, pois tem consciência do poder transformador das artes em pessoas que se encontram em situação de risco. Ainda diz que como ele mesmo veio de projetos sociais, a sua vontade ainda se torna maior, por saber que pode usar tudo o que ele sabe e está aprendendo para ajudar outras pessoas. Com relação à escola básica, E2 não demonstrou muito interesse, mas disse que a sua vontade, tivesse que ir para esse campo, seria lutar para poder trabalhar arte de maneira mais livre, sem as amarras que ainda temos com relação ao ensino de artes em nossas escolas.

Logo em seguida E4 disse que entre suas pretensões para o futuro está a vontade de seguir a diante com a sua formação docente, concluindo a graduação e fazendo um mestrado. Depois disso, ele disse que irá buscar recursos para implantar uma escola de música em sua cidade natal, mas uma escola que trabalhe de uma maneira diferente da que ele afirmou trabalhar antes de ter um aporte pedagógico dado pelo Curso de Música Licenciatura, podendo dar uma assistência melhor aos jovens da sua cidade. O participante descreveu um modelo que unisse escola a banda de música, criando assim um grande projeto na área de ensino da música na região. Sobre atuar na escola básica o referido participante também disse não ter tanto interesse, ele demonstra em suas palavras querer ser professor, mas não na rede básica de ensino.

A participante E3 trouxe uma linha bem diferenciada de ensino de música. Ela disse que hoje atua como atriz, sonoplasta, diretora musical e professora de musicalização para atores em uma escola livre de teatro em Sobral. Afirmou que não se vê como uma performer da música instrumental ou até vocal, que tem um apresso muito grande pela regência, observa muito, mas ainda não sabe se gostaria de seguir esse caminho. Ela afirmou estar tendo experiências com todas as possibilidades que a escola livre de teatro e a Universidade estão lhe proporcionando e que somente no futuro poderá decidir que caminho seguir. Em sua fala não fez menção ao trabalho na rede pública de ensino.

Já na fala do participante E5 notamos elementos interessantes a respeito da composição do Curso de Música e da formação que esse curso tem como o objetivo para os estudantes.

Ligado totalmente a um dos princípios da licenciatura daqui de Sobral, do Curso de Música Licenciatura daqui da UFC de Sobral, que preza muito por essa relação docente e artista, então você é um músico, educador, essa relação é muito bem balanceada dependendo de qual caminho você traça dentro da universidade. Então, nesse momento de escolhe de aonde eu vou estar, de aonde eu quero trabalhar, eu realmente me vejo mais para o lado da performance, é tanto que atualmente eu estou engajado na banda de música, na banda municipal de Sobral e é por esse lado que eu busco atuar. É isso que me faz mais pleno nas minhas atividades profissionais. Mas trabalhar como professor de escola especializada, ou regente de banda, ou até mesmo professor de escola regular, são campos que me interessam em graus diferentes, mas que sim, eu consigo me ver trabalhando em ambos os ambientes.

Justamente, algo que está previsto nos objetivos do Curso de Música Licenciatura da UFC *Campus* Sobral segundo o seu Projeto Pedagógico.

O Curso de Licenciatura em Música da UFC em Sobral tem como objetivo formar o professor de música, em nível superior, com conhecimentos da pedagogia, linguagem musical e ensino de instrumentos musicais, capaz de atuar de maneira crítica e reflexiva, interagindo, enquanto artista educador musical, com o meio em que atua.

O participante E5 traz em sua resposta elementos que nos remetem a entender que ele também se descobriu professor depois de ter vivências no Curso de Música, porém ele afirmou ainda tem uma preferência ou se entende melhor no lado da performance, tanto que hoje trabalha em bandas de música e eventos particulares, mas não descarta a possibilidade de atuar como professor ou maestro em bandas de música ou na escola básica.

Partindo da análise das respostas dos participantes para essa segunda questão podemos notar que hoje, a maioria se entende como professor e não descarta a possibilidade de atuar como docente ou na função de maestro em bandas de música.

**- Terceira pergunta: Segundo os dados que obtivemos através do questionário aplicado na primeira fase dessa pesquisa, observamos que vocês conheceram a Capacitação de Mestres de Banda de diversas maneiras. Contudo, o que motivou vocês a participar da Capacitação de Mestres de Banda?**

Nessa terceira pergunta nosso objetivo foi saber mais sobre o que motivou os participantes a buscar a Capacitação. Lembrando que na primeira fase dessa pesquisa, uma das questões do questionário aplicado perguntava sobre como os participantes tinham conhecido o referido curso de extensão.

A maioria dos participantes fizeram relação entre a sua motivação e a sua

iniciação musical nas bandas de música de suas cidades de origem. O participante E1 por exemplo, falou sobre a parceria entre os membros da banda de música de sua cidade que vieram para participar, isso o motivou a estar junto com os colegas aprendendo mais sobre a prática das bandas. Logo em seguida o E4 fala do incentivo dado pelo maestro da banda no qual ele fazia parte e o fato de ver colegas da região participando e comentando que estavam gostando. O participante E5 também fez menção ao fato de ter participado de uma banda de música durante sua formação inicial e que quando foi convidado a participar não pensou duas vezes pois, um ambiente de aprendizagem sobre bandas de música seria algo com o qual ele teria bastante afinidade, já que ao entrar no curso uma das coisas que ele buscara por aperfeiçoamento de performance dentro e fora da banda. Já a participante E3 comentou que foi convidada a participar pelo professor de prática instrumental, que a motivou dizendo que a capacitação poderia ajudar no seu desempenho dentro da disciplina, mas fora isso a referida participante também teve sua iniciação musical na banda de música de sua cidade, algo que a motivou a participar e buscar aprender mais sobre bandas.

Um pouco diferente dos demais, o participante E2 contou-nos que ele passou por uma formação técnica em educação musical e regência, também passando por cursos de regência ofertados pela Funarte<sup>2</sup>. Fora isso, ele afirma ter uma vontade de se organizar mais como músico e uma vontade de participar desde que descobriu a existência da Capacitação. Um dia depois de uma aula em uma disciplina optativa um professor o convidou para participar da extensão. Ele afirma ter ficado bem motivado, pois viu nessa oportunidade uma forma de adquirir mais conhecimentos, principalmente voltados para regência, área na qual já havia estudado no ensino médio técnico.

Contudo, entendemos que a motivação maior em participar da Capacitação de Mestres de Banda entre os participantes se deu em sua maioria por conta da busca por conhecimento, seja instrumental ou na regência, tudo levado por um outro incentivo de participar de algo relacionado a bandas, algo muito familiar para a maioria. Como demonstrado na fala de E5:

Primeiramente a minha construção como músico, antes de entrar na faculdade eu participei por 7 anos da Filarmônica de Tianguá, então está atrelado a qualquer projeto que a universidade poderia oferecer para essa área e para mim, seria muito bem-vindo. E aí eu iniciei não primeiramente não na Banda do Norte, na capacitação, mas eu iniciei primeiramente na orquestra jovem, e a partir das atividades e a convite da regente da orquestra jovem é que eu fui me engajar na capacitação. Mas a principal motivação fora o convite foi a afinidade com aquele campo de trabalho, saber que eu poderia desenvolver um trabalho dentro da universidade com o que eu sempre havia feito, então estava na minha zona de

---

<sup>2</sup> Fundação Nacional de Artes

conforto.

**- Quarta pergunta: Dentro dos encontros da Capacitação, a interação com outros músicos de banda com mais experiência, vocês sentem que esse contato contribuiu para sua formação como músico de banda? como?**

Nessa questão os participantes começaram a falar sobre a sua experiência dentro da Capacitação de Mestres de Banda, trazendo alguns pontos relativos ao aprendizado na convivência com outros músicos, no caso os mais experientes que eles. Vale lembrar que pelo fato de a Capacitação de Mestres de Banda ser um curso de extensão oferecido pela Universidade Federal do Ceará no *Campus* de Sobral, ela é um curso aberto à comunidade, com o objetivo de proporcionar uma formação básica para os mestres de banda e músicos líderes da região. Com isso, pessoas de vários lugares participavam do curso. Músicos e mestres com níveis técnicos e de experiência diferentes participavam, até que esse ambiente, com um tempo passou a ser frequentado por estudantes do curso, que logicamente passaram a conviver com os mestres e músicos que não eram alunos do Curso de Música Licenciatura.

Sobre essa experiência os participantes trazem vários pontos de vista. Por exemplo, o E5 fala sobre o respeito que aprendeu a ter no convívio com os demais mestres e músicos, enfatiza que aprendeu muito sobre postura profissional, observamos isso claramente em sua fala:

Eu acho que isso me fez gerar uma série de fatores como músico que eu vejo como maturidade: o respeito um com o outro, minha educação como músico, principalmente com relação a dinâmicas de ensaio, dinâmicas de apresentação, organização ou traslado, pra tudo isso você precisa ter uma educação necessária onde o regente chegue pra você e diga “ó, você precisa fazer tal coisa” e você de fato fazer, “você precisa agir dessa forma” e você de fato agir, sem que isso lhe prejudique ou sem que isso lhe deixe chateado ou alguma coisa do tipo.

Os participantes E1 e E4 falaram do quanto eles aprenderam ouvindo e observando os músicos e mestres mais experientes, pois nos encontros/ensaios da Capacitação acontecem muitos momentos de diálogo e reflexão sobre a prática cotidiana dos participantes em seus contextos e suas formas de pensar depois de estar na Capacitação. Esse é um ponto bem interessante que podemos constatar através da observação realizada e dos relatos dos participantes dessa entrevista. Todas as informações obtidas elevam esses momentos como um dos mais importantes da Capacitação para os participantes. Se trata de ouvir o outro, compartilhar experiências e construir dentro e fora da Capacitação. Os referidos participantes também falam de como o formato da Capacitação favorece a um contato entre os músicos, permitindo que eles estabeleçam uma alguma interação e possam se ajudar em caso de

dúvidas ou questionamentos. Todos esses pontos também estão presentes na fala do participante E2, que por sua vez nos conta sobre como é bom se sentir seguro, saber que ele sempre tem a quem recorrer em caso de dúvidas, se sentir à vontade para observar os colegas, aprender aquilo que está sendo passado em outro naipe, ouvir e compartilhar relatos a respeito das realidades de cada um.

O mais interessante do trabalho em grupo é que cada um traz uma realidade. Mesmo aquela pessoa tendo muita experiência ou não, ela tem uma realidade, ela vai mostrar essa realidade e a gente aprende com essa realidade. Então assim, eu não tenho tanta experiência, acho que de todos aqui eu sou o que está há pouco tempo fazendo o curso de capacitação. Mas apesar do pouco tempo, eu que estou ajudando na área da percussão, eu estou aprendendo mais do que quando eu estava na flauta. E ao mesmo tempo eu estou aprendendo a como estar lá do outro lado, tocando o clarinete, enfim, daí vai. O que me ajudou muito, de realmente a me desenvolver dentro do curso, foi o fato de saber que tinham pessoas experientes. Que apesar de todo mundo estar aprendendo, isso me passou um pouco mais de segurança, de saber que tinham pessoas mais experientes e de saber que eu tinha a quem recorrer se caso eu me enrolasse em alguma coisa ou não entendesse... Então eu acho muito interessante essa questão da prática coletiva, por esse fato de terem realidades diferentes e de que essas pessoas mais experientes vão me passar um pouco mais de segurança. É isso.

A participante E3 reforça a ideia de que o ambiente se torna muito bom para observar os músicos mais experientes, aprender com eles como ela quer e como ela não quer ser. Reconhecer vícios técnicos e muitas vezes entender algo depois de observar o que está sendo passado naquele momento com outros músicos, tomar aquilo para si e poder refletir sobre a ação do colega e de si mesma.

Isso para mim se dá com essa questão da observação, da escuta... como o E2 falou outras vezes, de falar com pessoas de outros napes, o professor comenta alguma coisa ou essas pessoas comentam, aquilo não se aplica para mim diretamente naquela hora, mas pode aplicar em outra situação. E também a experiência de perguntar, né, “ó, como é isso aqui? eu estou fazendo assim, o que você acha?” “não, aqui é assim” ... As impressões que a gente tem da música, de conversar sobre, [inaudível] então eu acho que tudo isso são as pequenas coisas que vão ajudando no ambiente de aprendizado. Coisas boas e coisas que também, nem tudo é positivo, coisas que a gente aprende também “como eu não vou ser”, “como eu não quero ser”. Eu acho que também, uma coisa interessante que a banda proporciona é a questão de você conhecer os seus vícios. Eu reconheci muitos vícios que eu tinha. Quando eu tocava na outra banda, eu não conseguia perceber porque não tinha esse olhar tão atento do regente. E aqui na capacitação eles estão sempre falando “não faça isso!” ou então “não bata o pé!”, e a gente aprende, reconhece os nossos vícios e aprende com os vícios das outras pessoas, quando eu quero fazer alguma coisa e penso “não...”. Acho que o aprendizado se dá a todo momento por vias diversas.

Contudo, entendemos segundo as respostas que além de a interação com músicos mais experientes ter proporcionado muita reflexão, ter trago muito conhecimento, crescimento profissional, respeito e segurança aos participantes, notamos que um elemento chave presente

na fala dos participantes é o ambiente que é proporcionado nos encontros/ensaios da Capacitação. Esse “clima” ou a forma como as atividades são conduzidas no curso de extensão, tem se mostrado propícias ao desenvolvimento das atividades da própria capacitação e de fatores relações como as exemplificadas nos discursos dos participantes dessa pesquisa.

**Quinta Pergunta: - A interação com outros músicos de banda com menos experiência que você, dentro da capacitação, contribuiu para sua formação como músico de banda? como?**

Nessa quinta pergunta, estimulamos os participantes a pensar na situação contrária, onde eles são os músicos mais experientes e sobre a interação deles com pessoas com menos experiência dentro da Capacitação. Imediatamente notamos em todas as falas referências a responsabilidade, seja ela com o colega que tem mais dificuldade e está precisando de ajuda ou com o próprio naipe onde você está tocando. Uma responsabilidade que vai desde o momento particular com o outro até o coletivo na banda. Segundo o participante E5 fazer parte da Capacitação foi algo muito importante, uma experiência que o fez crescer tanto no meio profissional quanto humano, evidenciando como palavras chave: respeito e responsabilidade.

... Eu acho que a capacitação me ajudou a ter respeito por essas pessoas e me ajudou a me ver como responsável pelo conhecimento que eu tenho. Então, no momento que eu estava em um ensaio que um colega não sabia de algo, um colega precisava de algo, a capacitação me levou a enxergar aquela pessoa como eu era um pouco antes. E aí eu tento ajudar das formas como eu posso, tento me fazer presente no momento que, sei lá, tem uma passagem que é mais difícil e o meu colega chega pra mim e “ah, eu não consigo tocar isso”, então, sei lá, chegar e adaptar o meu som, se é meio forte eu toco forte pra adequar o naipe ou coisas desse tipo, mas sempre com paciência, sempre tentando ver que aquela pessoa só tá aprendendo, ela só tá num processo que eu já fiz, mas que num tempo muito antes do meu. Então, eu acho que a capacitação me ajudou muito e contribuiu muito nessa minha relação com os menos experientes justamente nisso, como eu já havia falado para os já experientes, né... principalmente respeito: respeitar a diferença de relação de conhecimento que aquela pessoa tem.

Além de tudo, fica evidente na fala do E5 e de grande parte dos entrevistados uma reflexão sobre o seu próprio passado, um olhar atento e até um pouco surpreso acerca do seu próprio caminho na música. Ver o seu próprio crescimento quando encontra um colega que tem aquela mesma dúvida que você mesmo tinha antes e que hoje você pode ajudá-lo a resolver. Esses pontos são apresentados pelo participante E2 quando ele fala:

A gente chega a se ver. É como se fosse um espelho, por exemplo. Quando a gente conhece uma pessoa que tem um pouco menos de experiência, eu me vejo na pessoa. Porque é como se fosse um ciclo porque eu lembro que eu já fui assim. Em um momento ela pode estar me pedindo ajuda para alguma coisa, ou ela está com dúvida em algo, não está conseguindo ver algo e eu vou lá e tento ajudar, e aí eu vejo que eu já passei pela mesma situação que a pessoa. E isso é muito interessante porque mostra o desenvolvimento. Mostra que eu me desenvolvi, mostra que por algum acaso eu me tornei mais experiente que ela, mas também mostra que ela também vai ter a capacidade de se desenvolver e conseguir (é um negócio que soa meio pejorativo...), mas conseguir me acompanhar. E a gente conseguir se entender. Porque apesar das nossas diferenças, a gente está falando a mesma linguagem, e apesar da gente ter pouca experiência ou mais experiência, a gente vai conseguir se desenvolver. É interessante isso, eu me vejo muito na pessoa.

O participante E1 fala sobre gratidão, sobre poder ajudar o outro e retribuir aquilo que um dia para ele foi ensinado. Ele fala que o ambiente da Capacitação de Mestres de Banda o fez refletir e por essa “retribuição” em prática, como algo que ele levará para sempre em sua carreira. Na mesma fala E1 menciona a satisfação com a sua formação, ligada a muitas oportunidades dentro do Curso de Música da UFC *Campus* Sobral, mas principalmente a Capacitação.

Eu creio muito na questão do “ser grato”. Se em algum momento eu aprendi com alguém, eu acredito que eu posso retribuir a gratidão fazendo a mesma coisa que esse alguém fez por mim. Na banda de música lá da minha cidade, eu aprendi muito com um colega. O mestre de banda ia duas vezes e no resto da semana a gente ensaiava sozinho. E eu, como novato, aprendi muito com meu colega. E isso também me motivou a também querer ser um regente justamente por conta disso, pela questão da gratidão. Hoje eu vejo que eu, assim como ele me ajudou em muitas questões musicais, eu poderia ajudar outras pessoas. Eu acho bastante proveitoso, eu ver alguém que as vezes sabe menos do que eu e eu poder ajudar. Eu me sinto eficiente, eu sinto que valeu a pena a formação; a formação não serviu somente para mim. Mas a formação que eu adquiri na banda, na capacitação, serviu para que eu pudesse ajudar e também influenciar outras pessoas a serem músicos, a optarem pela música também.

E4 reforça esse sentimento de satisfação e de saber como “retribuir” ensinado quem está com dúvida e precisando de ajuda, afirma que a Capacitação foi onde ele entendeu que poderia através da sua formação também poder contribuir com a formação do colega, compartilhando saberes da melhor maneira além de aprender ensinando.

A participante E3 por sua vez reforça o que os colegas afirmam e completa falando sobre o incentivo que se pode dar para quem está começando. No seu caso ela contou-nos que como já tinha sido de banda de música, pode ajudar e incentivar colegas que nunca tinham tido contato com esse tipo de prática.

No meu caso, eu não vejo isso. [inaudível] talvez eu seja uma das pessoas menos

experientes, eu sempre peço ajuda, inclusive para o Lucas (outro participante da Capacitação). Eu acho que a minha contribuição em relação a isso, acho que até mesmo pela proximidade, foi com a Geane, porque ela não tinha tido experiência com banda ainda. Então eu acho que essa questão da experiência é mais o receio de algo diferente, e acho que a minha contribuição foi no sentido de “não, vamos ficar”, “vamos tentar”, “a gente está aqui para aprender”. Eu acho que minha contribuição foi mais nesse sentido do que no contexto musical prático.

**- Sexta pergunta: O conteúdo ministrado na CAP influenciou a sua formação como professor? Quais conteúdos foram mais marcantes e por quê?**

Dessa vez, perguntamos sobre o que mais havia marcado os participantes durante o tempo em que estão ou estiveram na Capacitação de Mestres de Banda. Mais especificamente perguntamos sobre os conteúdos aplicados nos encontros/ensaios. Imediatamente, o participante E5 se pronunciou a respeito do que ele chama de teor organizacional, dentro disso, dinâmicas de ensaio, organização do espaço onde acontece o ensaio, disposição de naipes, planejamento do ensaio entre outros fatores que são passados em todos os encontros da Capacitação, como parte do seu propósito formativo. Para entender mais claramente podemos observar a fala do referido participante quando ele diz:

Eu acho que o que mais me marcou foi o teor organizacional, afinal de contas a maneira, a sistemática, eu já estava muito bem acostumado, principalmente pela minha formação, que no caso, já era músico de banda. Então a sistemática do ensaio foi o que me ajudou a saber a disposição, como eu coloco as cadeiras pro ensaio, como eu coloco a disposição dos naipes dos instrumentos, a sistemática que o ensaio deve ter, o período para aquecimento, afinação, e aí algumas músicas que remetem essa transição de aquecimento para de fato o repertório em si, ou as injeções de conhecimento que você tem que ter durante o ensaio, afinal de contas não é todo o repertório que os seus músicos vão abranger, aquele conhecimento que tá na partitura e vice-versa.

Tratando-se do que ele chama de “injeções de conhecimento”, tendo como base a observação feita para essa pesquisa, entendemos como os momentos entre ou durante a passagem de uma música em que o professor/maestro aborda aspectos históricos ou especificamente técnicos da música em questão ou sobre o estilo da música em questão.

Na fala do participante E2 um pouco disso também é retratado, onde ele explica que mesmo com o pouco tempo que ele tem na extensão, (vale lembrar que de todos os participantes da entrevista o E2 é o mais novo no Curso de Música e na Capacitação) várias coisas já o marcavam, fora o que já foi citado pelo E5 ele ressalta a questão da atenção na estética da música tocada, atentando para fatores históricos e culturais da peça. O próprio ainda cita a atividade que foi observada, o trabalho feito a partir dos hinos brasileiros, principalmente quando diz:

Olhando por essa perspectiva, a gente percebe que quando a gente fala “conteúdo”, “o conteúdo trabalhado” e tal, a gente vê que o conteúdo trabalhado vai muito mais além do que a música que você pega para ensaiar e tocar. Ela vai muito para a observação, para o momento, para a estética das coisas. Assim, o que me marcou muito foi o fato da gente estar estudando hinos, estar tocando hinos. OK que eu estou há pouco tempo na banda, mas mesmo com o pouco tempo, a gente já vai conseguindo passar por algumas perspectivas diferentes em relação a repertório. E agora a gente estudando os hinos, traz muito todo aquele contexto cultural que está ligado àquele hino. É uma viagem no tempo. Não sei vocês, mas quando eu estou lá tocando me vem muito a idade daquele povo, como as pessoas viviam naquela época, a gente vive no mesmo país, mas tanta coisa já mudou... isso acaba remetendo também a que tipo de mudanças você precisa realizar para mudar a realidade em que você vive. Então me marcou muito o fato da gente estar estudando os hinos e isso nos remete muito a todos os contextos culturais que estão ligados ao hino.

E4 por sua vez, apresenta em sua fala que o que mais lhe marcou foram as lições sobre a regência, em sua nuance técnica, e além disso as dicas sobre a postura do regente, a importância dessa figura frente aos músicos como um líder e a ética profissional desse regente. Essas são aspectos que não só auxiliam na forma direta, mas também de forma indireta no trabalho do profissional regente e até do próprio professor. E4 enfatiza a importância disso para ele e sua formação na fala a seguir:

Para mim mudou a questão de permitir, tipo, liderança de grupo. A postura que o regente tem diante da banda. Na questão da própria regência, de como você deve se comportar, de como você deve liderar, essa questão eu observo muito. Desde quando eu comecei mesmo a capacitação dentro do curso, mudou muito a, porque quando eu ia lá para a banda da Poranga reger, era um negócio que era só para estar ali, para marcar o tempo de começar e o tempo de terminar. E eu vim para cá, vendo a questão dos ensaios e vendo as regências, eu já mudei o modo de comandar um pouco, da frente da banda, [inaudível], isso me ajudou bastante.

No meio das respostas o participante E1 conta-nos que para ele o conteúdo mais marcante foi a regência, pois ele tem como objetivo em sua carreira ser regente de banda de música, mas além disso ele também nos conta um pouco de como funcionava o trabalho da Capacitação de Mestres de Banda bem no seu início, já que ele participou da primeira turma. E1 aponta que em 2012 algumas atividades aconteciam de maneira diferenciada, se compararmos com a forma como é feito hoje, segundo os aspectos constatados nas observações realizadas, para entender melhor podemos analisar as seguintes falas:

No início, a capacitação não era somente os ensaios da banda, ela ofertava também as oficinas. Tiveram oficinas de edição de partitura, tinham as oficinas de regência que eram as mais comuns (todos os dias), teve a oficina de elaboração de projeto, teve a oficina de análise de partitura, então eram várias oficinas que realmente iriam capacitar o mestre de banda. E a banda de música era o resultado de todas as oficinas e de todo o conhecimento que a gente adquiria e resultou na banda de música.

Você perguntou né, o conteúdo mais marcante... O que eu gostei mesmo foi a regência. Todas as outras oficinas, todos os outros conteúdos abordados foram proveitosos, a gente pode tirar algum proveito disso. Mas a regência em si, ela foi, digamos assim, a mais marcante. Inclusive porque eu tive que reger, num evento que foi justamente lá na Poranga, eu regi uma das músicas, então a regência para mim foi uma experiência que, embora eu já tivesse em mente ser um regente, eu não sabia o que era, eu nunca tive uma experiência, eu nunca tinha vivenciado o que era uma regência. E de repente, na capacitação, ter tido essa oportunidade, não só de reger um ensaio, mas de reger em uma apresentação e um evento que nem era especificamente da banda do Norte, no caso. Era um evento bem maior, um encontro de bandas, tinha muito mais gente, tinha um público bem maior e a maioria do público era músico de bandas... então para mim, a questão da regência foi a mais marcante, foi a que mais marcou, e com certeza foi o que me incentivou mais ainda a querer ser um regente.

Para finalizar, a participante E3 afirma que para ela o conteúdo mais marcante foram as lições sobre interpretação de obras, como tocar músicas diferentes de maneiras diferentes, mas cada uma com a sua própria identidade, marcada por questões históricas e culturais que são apresentadas aos participantes durante os ensaios/aulas. Isso fica evidente em sua fala quando ela explica que:

Não é fácil para mim dizer o que mais me marcou, porque para mim é tanta coisa, é tanta informação..., mas o que eu posso dizer é essa questão de observar o “caráter” da música. Como eu devo tocar um hino ou como eu devo tocar outra peça. Como muda de uma coisa para outra... que era algo que para mim, em questão de banda de música, só aconteceu na capacitação.

Observando com mais atenção podemos notar que a última fala apresentada pela participante E3 completa ou até confirma o que aparece nas falas de E5 e E2, com relação a noções de interpretação e as lições sobre história da música e estilos de execução que são apresentadas pelo professor/maestro dentro dos encontros/ensaios da Capacitação. Com isso entendemos que essas “injeções de conhecimento” contribuíram para a formação desses músicos, futuros regentes e professores.

#### **-Sétima pergunta: O que você leva da CAP para sua prática docente?**

Na penúltima questão de nossa entrevista, buscamos saber com os participantes o que eles levam da Capacitação de Mestres de Banda para as suas vidas fora da Universidade, falando mais especificamente da prática docente de cada um. As respostas foram diversas e notamos que os participantes citaram muitas coisas, mostrando assim a importância que tem e teve para eles, participar da Capacitação.

O participante E1 falou-nos que fora todo o conhecimento que ele obteve através da Capacitação, o fato de poder ter ouvido as histórias de cada um dos colegas, saber um pouco mais sobre as realidades, dificuldades de conquistas de cada um, atrelado a esse espaço de interação com os outros músicos e mestres, algo que ele viveu e que vai levar para sempre

em sua prática, também saber do que acontece nas bandas de música ao seu redor, mas desenvolver uma percepção acerca da nossa realidade, do nosso contexto. Isso fica bem mais claro quando ele diz:

Além do conteúdo, do conhecimento, com toda certeza e eu acredito que a maioria das pessoas vão concordar, é a experiência. A experiência de conhecer as diferentes realidades que cada um ali pode te proporcionar. Pela experiência dos outros, você poderia se sentir mais confortável caso você viva aquela realidade daquela pessoa. A gente nunca sabe, um dia eu posso estar aqui e em outro dia eu posso estar em outro lugar. E conhecer a realidade das outras pessoas, com certeza é uma experiência que a gente pode utilizar no futuro. Vai que em um determinado momento eu possa enfrentar a mesma dificuldade dentro do ensino da música, dentro da banda de música ou quando ele tiver tocando, seja lá qual for o acontecimento. Então, o que eu vou levar mais é a experiência que eu adquiri principalmente com os relatos. Porque eu achava muito massa quando o Marco abria a oportunidade para as pessoas comentarem como era na sua banda, como era na sua cidade, e isso é de uma riqueza de conhecimento e de uma experiência que com toda a certeza eu vou levar para a minha vida.

Entendemos que não somente ouvir histórias foi transformador para o participante E1, mas saber também como poder proporcionar um ambiente onde todos podem falar, colocar suas opiniões, contar sobre as suas lutas e falar sobre o técnico da coisa.

Logo após o participante E2 representa o que quer dizer através de uma palavra e depois explica o motivo de pensar na Capacitação e pensar nessa palavra:

...O que eu creio que vá ficar como legado, na minha memória em relação a capacitação, vai ser a palavra “junção”. Junção em várias perspectivas: a junção do caráter, a junção da experiência, a junção de união mesmo, de você estar inserido no grupo, que apesar de você tocar só três compassos dentro de uma música, aqueles três compassos vão ser essenciais para a música. Eu acho que é esse espírito de coletividade, esse respeito e essa questão do autoconhecimento, de você conseguir se estabelecer, sabe? É isso que eu vou conseguir ter na memória, que vai marcar, que eu vou conseguir levar, é que todo mundo que está alai é importante. Inclusive, não só quem está tocando, não só quem está regendo, mas também quem está assistindo. É como se fosse uma peça, um espetáculo teatral. Você estar ali, você vai ter que interagir com o público e o público vai fazer parte da história. Ele não vai falar nada, vai só assistir, mas ele vai fazer parte da história. E é você ter essa ligação com o regente, com a pessoa que está tocando o mesmo instrumento que você, com a pessoa que está do outro lado da banda tocando um instrumento completamente diferente do seu e com o público que está te ouvindo, que está te vendo. Junção.

O participante E4 reforça que além dos conteúdos estudados ele tem um apresso muito grande a contribuição que a Capacitação lhe deu com relação a autonomia, reflexão sobre a sua ação, e a visão de futuro, uma espécie de projeção profissional, um aspecto também apresentado por E2 no mesmo momento. Todos esses fatores o motivam a seguir em frente e até passar para seus futuros estudantes. Já no caso da participante E3, nos aparece

uma expressão que inicialmente pareceu bem vaga, ela conta que a Capacitação para ela é aquele “algo a mais”, logo em sua fala ela também explica, quando diz:

Para mim, a capacitação é “o algo a mais”. Por exemplo, eu faço aula de regência, faço aula de percepção e faço aula de prática instrumental e a capacitação é o algo a mais. Porque embora a gente tenha essas disciplinas específicas, não abrange tudo. Então ali na capacitação eu sei que eu vou ouvir e ver coisas de regência que ainda infelizmente não está na disciplina, como em outras disciplinas. Então eu acho que é uma forma de colocar o conhecimento que a gente já tinha adquirido em algumas disciplinas, prático [inaudível] e de você se questionar “porque que aqui é assim e eu vi de outra forma lá?” ou o oposto, entende? Então eu acho que o que a capacitação vai trazer para mim nessa prática docente é que eu não vou chegar lá só com a teoria de muitas coisas. Eu já vou ter visto, já vou ter vivenciado... um exemplo, uma questão de conseguir manter um andamento nas peças e observar “como é que o regente faz?” ou “como é que ele tenta descobrir onde está o problema?”. Eu acho que para mim a contribuição é nesse lado prático e muitas vezes, para mim, é uma forma de organizar as coisas.

E3 também nos conta que ela aprendeu e vai levar consigo a ação de questionar, buscar entender e com isso fazer um paralelo sobre tudo aquilo que se é ensinado em vários lugares, como no próprio Curso de Música, como ela cita na fala. Entendemos essa fala como algo que também faz uma menção ao desenvolvimento de autonomia e pensamento crítico, já que questionar é algo importante para se aprender e formar bases sólidas, de seu conhecimento.

Ainda durante a entrevista, E1 toma a fala e acrescenta uma comparação entre a experiência na Capacitação de Mestres de Banda e a experiência do Estágio Supervisionado<sup>3</sup> e PIBID. Entendemos que essa comparação se referiu ao fato de que tanto no Estágio quanto no PIBID é possível viver uma aplicação do que é aprendido na sala de aula, vivenciar a prática do negócio, o que se repete no caso da Capacitação, pois ali o participante também está aplicando o que é aprendido em outras disciplinas do Curso de Música e em vivências pessoais, de maneira bem prática e não somente teórica.

Para finalizar, o participante E5 diz que uma das tantas coisas que ele disse que aprendeu na Capacitação e que vai levar consigo em sua carreira profissional é o saber como dar espaço para o seu aluno, enquanto professor. Dar a oportunidade para que o estudante possa tentar fazer e aprender. Interessante observar a fala de E5 quando ele diz que:

...principalmente, fazer os estudantes serem participativos dentro da minha prática como docente. Na capacitação a gente não teve tão aprofundado e isso me frustrou um pouco, mas a gente de algumas formas, contato justamente com essa sistemática de ensaio, com um pouco da metodologia do regente, ou dos regentes,

---

<sup>3</sup> Atividade Curricular do Curso de Música Licenciatura da Universidade Federal do Ceará *Campus* Sobral.

afinal de contas, no tempo que eu passei na capacitação, a gente teve quatro regentes: o Marco, a Adeline, o Renato e o Jairo, então a gente tinha que realmente saber se relacionar com os sinais de cada regente, mas dentre esses quatro regentes, os dois, no caso o Renato e o Jairo, eles eram estudantes. Então ter essa ligação, saber que eu posso colocar meu estudante para participar, de uma forma como eu seria o responsável, e tentar trazer alguém que fala a linguagem da minha turma e que faz parte da minha turma, para frente, e tentar levar atividade, então são esses pequenos detalhes que eu acho que são as coisas primordiais que eu vou levar para minha carreira como docente.

Entendemos que algo assim, como o relatado pelo participante E5, é algo bem peculiar, pois assumir uma posição em nosso dia a dia ou ter a oportunidade de aprender a assumir essa posição profissional, é algo que mesmo nos dias de hoje é bem difícil. Aplicando ao nosso contexto de pesquisa, principalmente se imaginarmos tudo isso dentro da nossa realidade, em que não temos escolas de música para todos no Estado e uma pequena parcela de escolas com aulas de música. Dar a oportunidade para que uma pessoa possa aprender e saber como dar esse espaço, gerar os laços de confiança, sem dúvida é algo bem valioso para todos os seres humanos, sobre tudo o professor.

**-Oitava pergunta: Vocês se sentem aptos para trabalhar na formação de bandas e orquestra de sopros após participar da capacitação?**

Na última questão dessa entrevista, bem diretamente, perguntamos para os participantes se eles se sentiam aptos a trabalhar em uma banda de música ou orquestra de sopros, mas em uma posição de maestro, mestre ou regente. Queríamos saber se eles se sentiam seguros para assumir tal função, de estar na frente de um grupo.

Logo, o participante E1 falou um pouco de seu histórico, contando que por várias vezes se viu em uma situação de medo perante oportunidades de trabalho que envolviam o trabalho de um mestre de banda ou maestro. Segundo ele, o medo de tentar e a falta de segurança fizeram com que ele descreditasse na própria capacidade de executar um trabalho como esse. Contudo, ele fala que depois estar no Curso de Música e principalmente de pois de entrar na Capacitação de Mestres de Banda, ele conseguiu mais segurança, fortificou seus conhecimentos e hoje se sente apto e seguro para trabalhar como mestre de banda ou maestro.

Eu acho que as vezes o medo cega a gente. Nós sabemos que somos capazes, só que as vezes a gente tem medo do “algo novo”. Não sei se vocês já vivenciaram algum trabalho em banda de música, eu quebrei esse medo porque já iniciei. Mas antes disso, eu tinha um medo muito grande de “eu acho que eu não sei, eu acho que não vou conseguir”, “eu acho que não tenho a capacidade”, mesmo eu sabendo que eu aprendi muita coisa, que eu vivenciei muita coisa e que eu saberia. Mesmo eu

sabendo disso, parece que o medo cega. E quando você enfrenta esse medo e pensa “vou tentar, vou fazer o meu máximo”, e você vê as coisas dando certo e você vê também as coisas não dando certo, você vê os dois lados. Mas aí você começa a perceber que mesmo assim você tem essa capacidade, então eu, particularmente, eu sei que eu sou capaz e eu sei que sim, eu poderia estar à frente de uma banda. E eu sei que durante, claro que eu não iria ser o melhor regente, não ia ser o melhor mestre de banda, eu sei que com a experiência de mestre de banda eu iria adquirir essa bagagem toda para que a cada dia eu viesse a ter mais confiança naquilo que eu faço, com toda a certeza. Mas com toda a certeza eu digo que sou apto a trabalhar como mestre de banda, a reger uma banda, com toda a certeza.

E2 por outro lado, fala que ainda não se sente pronto, mas isso por questões bem particulares de tempo nesse tipo de prática. O participante fala que sente a necessidade de vivenciar mais coisas e momentos na Capacitação para depois então poder dizer que pode assumir uma banda de música ou grupo da mesma formação.

Eu acho que, no momento atual, eu não me sinto totalmente apto ou capacitado. Porque eu sinto que não vivenciei experiências tão diferentes, ou as vezes, uma variedade de experiências. Eu estou inserido no curso de capacitação há pouco tempo e nesse pouco tempo, a gente já trabalhou muita coisa, tanto com a observação como com repertório ou com análise de alguma coisa, mas eu sinto que eu preciso viver um pouco mais para não ter mais esse medo, para sentir essa segurança de que “não, agora eu acho que dá certo”. Então, no momento atual, eu não me sinto totalmente capacitado, sinto parcialmente. Sinto que devo vivenciar coisas ainda.

O participante E4, em resposta disse que devido a união de todas as suas experiências prévias com banda de música, o Curso de Música da UFC, sua experiência como bolsista PIBID e a Capacitação de Mestres de Banda lhe deram muita segurança. Hoje, levando em consideração toda a sua carreira, e principalmente a experiência adquirida dentro da Capacitação, o participante E4 se considera capacitado para trabalhar como maestro ou mestre de bandas, segundo a sua fala seguinte.

Eu acho que juntando tudo que eu fiz antes e agora depois que entrei na faculdade, eu me sinto mais seguro em assumir um compromisso desse tamanho. Chegar, assumir um grupo e estar mostrando... Antes eu pensava que eu tinha, mas não tinha a gama de conhecimentos que eu estou pegando agora. Depois da capacitação e agora na faculdade, já me dá mais segurança de chegar e assumir um trabalho assim dessa forma. E o PIBID também me ajudou muito, porque como eu trabalho com sopros, é uma coisa bem parecida com a banda de música. Já me dá mais segurança de chegar e executar um trabalho como assumir uma banda de música. É como se eu tivesse juntado tudo. Eu tinha uma prática, mas não era aquela prática, digamos, correta. E aqui a capacitação me ensinou a, como falei da outra vez, a como abordar certas situações e chegar e assumir o trabalho.

A participante E3 nos responde dizendo que ainda não tem certeza se está capacitada a uma função de maestrina. Ela nos conta que mesmo tendo toda uma admiração

pela regência e com tudo que ela aprendeu até hoje, ainda não se sente firme quanto isso. Nesse caso podemos até fazer um pequeno comparativo, pois entendemos que assim como E2, E3 pode conseguir essa confiança e segurança para exercer a função, mas talvez seja necessário ainda um pouco mais de tempo. Algo que pode estar faltando para E3 e que ela deixa transparecer em sua fala é a prática com a regência em si. O simples ou não tão simples fato de ter um momento supervisionado para poder praticar regência.

Eu não sei se me sinto totalmente apta para assumir uma banda, por exemplo, talvez se isso fosse processual, talvez se fosse um grupo menor eu me sentisse mais confortável porque, embora eu tenha observado muito e me interesse por essa parte da regência, eu nunca tive nenhuma experiência prática com isso. Então eu acho que até o momento em que você [inaudível] deu certo ou não deu certo, até chegar nesse momento, eu acho que tem bastante segurança. Talvez se eu tivesse alguma experiência prática orientada, porque eu peguei na capacitação mais na parte dos ensaios mesmo, na observação. Então eu não sei se eu me sinto totalmente apta por uma questão de segurança nessa questão da regência. Acho que precisa começar e eu ainda não comecei, não tive experiência com regência ainda.

O participante E5 conta-nos que hoje se sente confiante a apto para assumir uma função como mestre de banda ou maestro, e destaca a importância que a Capacitação teve para que ele hoje pudesse dizer que se sente apto. O participante ainda diz que não é que ele se sinta um profissional completo, já que estamos sempre aprendendo e em constante formação, mas com toda a riqueza do que ele diz que aprendeu na Capacitação hoje, ele se considera com capacidade de assumir a liderança de um grupo instrumental como uma banda de música e ainda poder orientar outros mestres em como conduzir os seus trabalhos de uma maneira adequada e produtiva.

Eu acho que de toda forma, vão haver competências que sempre vão me faltar até que eu esteja a frente de um grupo como esse. Mas, de tudo que eu já citei, eu acho que sim. De maneira não completa e de maneira que, não que um dia eu me veja completo, mas eu acho que com o conhecimento que eu consegui angariar através da capacitação, eu me sinto preparado justamente por ter esse contato no “fazer”, no processo, na sistematização de um projeto que foi a capacitação, que é a capacitação. Então, ter o contato com uma coisa que era uma coisa tão pequena, na época que foi reaberto e que foi a época em que eu entrei, então foi um projeto que meio que começou novamente, começou meio que do zero, com várias problemáticas e tal, então a gente passou a tentar resolver isso. Então, por ter tido contato com esses diversos conhecimentos eu creio que sim, eu estou apto, mas como eu já disse, não de forma completa. Afinal de contas ainda vão ter conhecimentos que eu ainda vou precisar ter contato, mas só vou ter contato e a necessidade de usá-los se eu tiver a frente de um grupo como esse. Mas o trabalho da capacitação de mestre de banda realmente me tornou apto a liderar um grupo como esse ou até poder ensinar alguém que já lidera a liderar melhor... Eu acho que consegui construir um ponto de vista apto a estar à frente de um grupo, ou uma banda, ou uma orquestra, enfim.

Voltando um pouco, gostaríamos de fechar esse bloco com uma reflexão apresentada pelo participante E2 sobre as questões relacionadas ao medo de assumir uma função ou ainda de se considerar apto ao trabalho.

Essa questão do medo, insegurança, falta de confiança no que se faz, é uma questão natural e comum para todos, por incrível que pareça. Tem uma frase que diz que “quem vive com medo, vive pela metade”. Mas a gente precisa viver em alguma parte da nossa vida com medo. Ele ao mesmo tempo que pode ser o inimigo que vai fazer você negar um projeto, negar uma liderança de grupo, ele ao mesmo tempo também vai te dar forças para você se superar. Então é algo comum, é algo natural para todos. E a quebra desse medo, a quebra dessa barreira vem de muita coisa. Da experiência que você adquiriu, do mestre que estimulou você, que indicou você... As vezes a gente não acredita muito na gente. Às vezes acho que falta muito disso, da gente não acreditar no que a gente fez, no que a gente viveu, na bagagem que a gente carrega. É muito comum uma pessoa elogiar a gente e a gente “nossa, não acredito que sou capaz de fazer isso”. Então, o curso ele traz muito disso. De você acreditar em você. É como se você reconhecesse o seu lugar. E quando você se reconhece e quando você sabe que está aprendendo, você quebra o medo e a insegurança e consegue fazer.

Com base nas observações e minhas vivências dentro da Capacitação reforço que algo que aprendemos na Capacitação é vencer esses medos, talvez de uma maneira indireta, mas ainda assim, de forma bem eficaz. Estar na Capacitação faz com que nós tenhamos que nos arriscar e buscar nos estudos e em nós mesmos o nosso próprio porto seguro rumo a uma boa formação profissional.

## CONCLUSÃO

Após a realização de toda a análise de dados a partir da observação participante, questionário quantitativo e entrevista em grupo focal daremos início a uma reflexão sobre a pesquisa como um todo, tendo como direcionamento o objetivo geral e os objetivos específicos dessa pesquisa. Relembrado a nossa pergunta de partida que é: **Qual influência da capacitação de mestres de banda na formação dos estudantes do curso de música - licenciatura da UFC, Campus Sobral?** Partindo dessa pergunta estipulamos como objetivo geral investigar as influências da Capacitação de Mestres de Banda, curso de extensão oferecido pelo Curso de Música Licenciatura da Universidade Federal do Ceará, *Campus Sobral*, na formação dos estudantes do referido curso como professores de música. Lembrando que inicialmente, a Capacitação foi pensada apenas para mestres e músicos de bandas de música da região norte do Estado do Ceará.

Tendo consciência do objetivo geral dessa pesquisa, entendemos como muitas as influências da Capacitação sobre os alunos participantes. Notamos que essas influências transitam dos aspectos mais técnicos, éticos, e até sentimentais, digamos assim.

Partindo da análise dos dados obtidos a partir da observação participante realizada, podemos dizer que nos encontros/ensaios da Capacitação de Mestres de Banda e aplicada a metodologia de ensino coletivo de instrumentos musicais. Todos esses aspectos observados durante dois semestres na rotina do grupo mostram que nos encontros/ensaios da Capacitação de Mestres de Banda é aplicada a metodologia de ensino coletivo de instrumentos musicais que segundo Nascimento (2007):

... consiste em ministrar aulas ao mesmo tempo para vários alunos. Essas aulas podem ser de forma homogenia ou heterogenia e é efetuada de maneira multidisciplinar, ou seja, além da prática instrumental, podem ser ministrados outros saberes musicais intitulados academicamente como: teoria musical, percepção musical, história da música, improvisação e composição.

Segundo os discursos dos participantes e a observação participante realizada, aspectos sobre técnica de instrumento, leitura rítmica, percepção musical, solfejo, regência, análise musical e história da música são ensinados de uma maneira multidisciplinar, estando de acordo com a descrição de o que é o ensino coletivo de instrumentos musicais. Desse modo alcançamos aqui mais um dos nossos objetivos específicos que consistia em Identificar as metodologias de ensino e de aprendizagem envolvidas na capacitação de mestres de banda.

Agora, atentando aos dados obtidos através do questionário, primeiramente,

podemos entender que desde de a sua criação, a Capacitação vem tendo representantes de várias cidades do Estado do Ceará, iniciando assim um de seus objetivos que é promover uma formação para músicos e mestres de bandas, assim colaborando para a manutenção das bandas do Estado. Lembrando que de acordo com a amostragem, os alunos do Curso de Música que participam da Capacitação têm idades variadas entre 18 e 39 anos. Esses mesmo alunos participantes, em sua grande maioria, iniciou seus estudos em bandas de música. Buscando um pouco mais sobre o perfil desses estudantes, descobrimos que dentro do curso, os participantes da pesquisa optaram por todas as práticas instrumentais obrigatórias, mas em sua maioria optaram pela prática de Sopros. Imaginamos que essa escolha pode se dar pela possível proximidade que a prática de Sopros tem com bandas devido aos instrumentos ensinados em ambas. Vale lembrar que segundo o Projeto Pedagógico do Curso, nas ementas das Práticas de Sopro I, II, III e IV não é previsto nenhum conteúdo voltado especificamente para a prática em bandas de música, a não ser pela sua bibliografia básica que apresenta em sua maioria, referencial voltado para discussões e ensino em bandas de música. Descobrimos ainda que a maioria dos estudantes do curso que participaram da pesquisa tocam mais de um instrumento sendo pelo menos um de banda de música, entre sopros e percussão. Com isso realizamos um dos nossos objetivos específicos que consistem em Realizar levantamento com os estudantes e ex-estudantes participantes da Capacitação de Mestres de Banda acerca de faixa etária, tempo de participação, iniciação dos estudos em música e seus percursos dentro do Curso de Música da UFC *Campus Sobral*.

Continuando, nos discursos dos participantes foram constatadas diversas menções a regência, técnicas de ensaio, organização de ensaio, aspectos interpretativos e técnicos com relação a instrumento. Porém, majoritariamente a regência foi a mais citada. Podemos pensar que talvez, grande parte dessa busca pela regência na Capacitação se dê por dois motivos, primeiro: O fato de que as pessoas que falaram sobre isso terem vindo de bandas de música e cursos com base curricular voltada para educação musical e regência. Segundo: O fato de as disciplinas de regência, segundo as ementas apresentadas no PPC, não direcionarem a regência para grupos instrumentais como são as bandas de música. Questionamentos a parte, entendemos que a Capacitação tem dado oportunidade para os estudantes possam estudar, observar e até praticar regência, algo que segundo os discursos dos participantes foi de grande importância para os seus respectivos crescimentos profissionais. Além da regência outros pontos citados como cruciais para os estudantes são: organização e planejamento de ensaio. Notamos, inclusive através da observação participante, que as dicas sobre essas duas

competências foram marcantes para o desenvolvimento pessoal e profissional dos participantes. Em uma das questões da entrevista realizada os participantes deram grande destaque para regência, condução e planejamento de ensaio e lições sobre interpretação, afirmando que esses conteúdos foram os mais marcantes para suas formações.

Ainda sobre a entrevista, constatamos que a Capacitação de Mestre de bandas exerceu influência na atuação docente dos participantes, que afirmaram que participar do curso de extensão os ajudou enquanto professores. Dando destaque a aspectos como liderança, compreensão, paciência e sensibilidade na hora de ensinar. Eles também destacaram como a relação de respeito é estabelecida entre todos os participantes, seja com os mais experientes ou os menos experientes. A sensibilidade para ajudar quem está com dúvidas e a humildade de aprender com quem já tem mais tempo de estudo. Entendemos que questões como cooperação, respeito e inclusão estão ligadas a rotina da Capacitação.

Contudo, podemos atribuir ao ambiente que é proporcionado pelos professores aos participantes dentro dos encontros/ensaios da Capacitação de Mestres de Banda, a ideia de um lugar onde todos tem o momento de ouvir, mas, além disso, também podem falar. Como destaca um dos participantes por diversas vezes em seu discurso. Para ele o fato de poder ouvir as histórias dos demais participantes da Capacitação foi tão importante para a sua formação quanto os conteúdos estudados. Outros participantes já destacaram o fato e se sentirem mais seguros enquanto músicos e professores depois de passar pela Capacitação, eles afirmam ter vencido os seus medos e a partir disso ter sentido uma evolução em sua performance tanto como instrumentista, quanto como professor e regente. Todos esses dados nos levam a entender o ambiente dos encontros/ensaios da Capacitação de Mestres de Banda, como um ambiente democrático e de aprendizagem fluida que acontece tanto entre professores e alunos quanto entre os próprios alunos.

Outro de nossos objetivos específicos buscava saber se o contato com outros músicos de bandas de música da região causou algum benefício a formação dos estudantes do curso, em formação e já formados. Com base nas respostas dos participantes concluímos que o contato com outros músicos foi de grande importância, pois como destacado anteriormente, os participantes consideraram uma experiência formativa, poder ouvir os depoimentos de outros músicos e mestres, saber sobre as suas realidades e ainda como eles trabalhavam ou pensavam determinados termos técnicos em música. Notamos que esse mesmo contato provocou uma reflexão sobre a própria formação desses estudantes, que buscaram sempre questionar e entender mais sobre os conteúdos. Concluímos que sim, o contato com outros

músicos trouxe benefícios técnicos e intelectuais para os participantes.

Na entrevista também perguntamos sobre os motivos da escolha do curso de música, uma vez que se trata de uma licenciatura. Nas respostas predominou o fato de que a escolha se deu por se tratar de unicamente de um curso de música. Muitos não sabiam ou não tinham entendido que se tratava de uma licenciatura ou o que era uma licenciatura. Ligando esses dados aos obtidos através de outra pergunta que questionou os participantes sobre suas ambições no mercado de trabalho, notamos que existe um desinteresse bem peculiar no fato de seguir carreira na rede básica de educação, onde hoje temos uma grande carência de professores de arte devidamente formados. O que pode ser a causa desse desinteresse? Essa pode ser uma questão a ser respondida em trabalhos futuros, mas por enquanto temos uma amostra que não deseja a escola básica quando pensa em sua carreira profissional.

Por fim, o ultimo objetivo específico realizado foi o de compilar e refletir sobre os depoimentos de ingressos e concludentes do Curso de Música - Licenciatura da UFC, *Campus* de Sobral, que participaram da capacitação. Esse processo tem sido feito no decorrer dessa pesquisa até agora, possibilitando que assim possamos responder a nossa pergunta de partida e assim concluir nosso objetivo geral. Constatamos que a Capacitação de Metres de Banda exerce diversas influências na formação dos alunos do Curso de Música Licenciatura da UFC *Campus* Sobral. Essa influência ocorre desde o fato de que esses alunos recebem uma formação técnica para atuação em bandas de música que são aplicáveis a outros ambientes inerentes à carreira profissional do Licenciado em Música, tais como: escolas regulares, escolas especializadas, bandas de música, projetos sociais, entre outros; essa influência acontece também como algo que incentiva os participantes a vencer seus medos, como citam os entrevistados, sentir segurança e poder aprender com os outros e consigo mesmo através de reflexão sobre a sua ação, seja enquanto instrumentista ou como professor. Concluímos que essa influência existe e que ela tem se mostrado bastante positiva em aspectos técnicos, éticos, intelectuais e profissionais.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, José Luis da Silva. Considerando a viabilidade de inserir a música instrumental no ensino de primeiro grau. Revista da Associação Brasileira de Educação Musical. Salvador, n 3, junho, p. 39-50, 1996.

CHIZZOTTI, Antônio. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais/ Antônio Chizzotti. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

COOPER, Lynn G. Teaching Band & Orchestra. Methods and materials. Chicago: GIA Publications, Inc., 2004

GRANJA, M. F. D. A Banda Som & Magia. Dissertação de Mestrado em Comunicação. Rio de Janeiro: Escola de Comunicação da UFRJ, 1984.

MORGAN, D. L. Focus group as qualitative research. London: Sage, 1997.

NASCIMENTO, M. A. T.. Mapeamento das Bandas de Música em Atividade na Região Noroeste do Ceará. In: Luiz Botelho de Albuquerque; Pedro Rogério; Marco Antônio Toledo Nascimento. (Org.). Educação Musical: reflexões, experiências e inovações. 1ed.Fortaleza: Edições UFC, 2015, v. 1, p. 194-206.

NASCIMENTO, M. A. T. O método "Da Capo" na Banda 24 de Setembro. In: XVI Encontro Anual da ABEM - Congresso Regional da ISME na América Latina, 2007, Campo Grande. Anais do XVI encontro Anual da ABEM - Congresso Regional da ISME na América Latina. Campo Grande: Editora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2007.

SILVA, Lélvio Eduardo Alves da. O Ensaio-aula: uma proposta de metodologia de ensaio para banda de música. Revista do Conservatório de Música da UFPel Pelotas, nº4, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. PROEXT, Projeto Capacitação de Mestres de Banda. Sobral, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Plano Político Pedagógico do Curso de Música Licenciatura. Sobral, março, 2014.

TACUCHIAN, Ricardo. Tradição e resistência. Catálogo de Bandas de Música do Estado do Rio de Janeiro "Banda Larga", Rio de Janeiro: Associação de Bandas do Estado do Rio de Janeiro, p. 16-22, 2009.

TRAD, Leny A. Bomfim. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. Revista Physis de Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, 2009.

## APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

### Entrevista de Grupo Focal

Primeira fase:

1 - Qual o objetivo de vocês ao escolher uma licenciatura como curso superior?

**E1:** A princípio, eu escolhi o curso de música não por ele ser licenciatura, eu escolhi porque era música e eu achava que ia me trazer grandes conhecimentos na parte da prática, da prática instrumental, porque eu já tocava na banda de música, então eu busquei o curso de música por conta disso. Só então foi que eu comecei a, digamos assim, a me apaixonar um pouco pela área da licenciatura, pelo ensinar. E até depois disso eu comecei a lecionar na escola e tudo, mas antes eu não tinha esse objetivo de ser professor, eu apenas buscava um conhecimento mais amplo na área musical mesmo.

**E4:** O meu caso foi quase igual ao do E1, na entrada do curso, né. Eu já tocava há mais de 20 anos e queria mais um aperfeiçoamento pra ser, digamos, um dia, um regente de banda. Sabia que era licenciatura, mas não estava muito preocupado com isso na época. Queria saber mais de adquirir mais conhecimento e tudo... Aí o ponto chave pra descobrir que o que eu queria era ser professor de música foi quando eu fui selecionado para a bolsa do PIBID que eu entrei na sala de aula pela primeira vez. 40 “minino” lá... sabe? Aí eu cheguei pra dar aula de música e consegui controlar, aí sim. Eu mudei o que eu queria ser. Tipo, um regente ou um músico profissional pra ser um professor de música mesmo.

**E2:** É... no meu caso, foi diferente, mas ao mesmo se assemelha ao caso de vocês. No caso de vocês, vocês pensaram muito mais na prática instrumental, em se especializar e tal, pra depois ir descobrindo essa parte mais do ensino. Já eu fui uma junção dos dois. Eu sempre tive esse aprezo por educação, por ajudar as pessoas e sempre tive essa afinidade com o campo das artes, mais exclusivamente com artes cênicas. Mas aí a música veio de súbito há alguns anos atrás e acabou entrando assim no meu caminho... e como foi algo muito interessante, foi algo que me despertou mais ainda pra essa parte da licenciatura, do ensino, da educação. Então, o que me fez chegar até aqui foi esse interesse pela arte e pela educação.

**E3:** Bom, no meu caso, não foi nem uma coisa nem outra. Eu não vim buscar o aperfeiçoamento instrumental e nem vim com interesse no ensino. No meu caso mesmo, eu vim buscar experiência, né? Tipo, “vou ver o que é”, “vou ver no que vai dar”. Eu gosto muito de música e eu sempre pensei “porque não?”. Mas não tinha o foco de “ah não, quero me aperfeiçoar instrumentalmente” ou “eu quero dar aulas”, enfim. Eu vim atrás da experiência e ainda estou nesse processo: experimentando. Essa questão do ensino só veio clarear mesmo quando eu tive as primeiras experiências com o estágio, estou tendo agora e estou gostando muito.

**E5:** Primeiramente, eu acho que pra maioria, não só pra mim mas pra maioria do pessoal que tá no curso daqui de Sobral, eu acho que a falta de um bacharelado e só o fato de ser música foi o que chamou muita gente de início, e pra mim foi assim que funcionou. Eu realmente vim pensando que seria uma coisa, no final das contas foi outra, mas por imaturidade mesmo do

momento não sabia disso. Mas logo nas primeiras semanas do curso isso me fez refletir e aí eu tomei a decisão de fato de que a licenciatura seria o ideal pra mim, justamente pelo valor pedagógico que ela tem e toda essa carga de conhecimentos que te levam a ser um docente em música. E que nesse momento que já foi um momento que choque, e que me levou a amadurecer, por pensar não só ‘músico como performance’, mas músico como educador e tal... Então, basicamente foi isso.

**2** - Qual o campo de atuação vocês almejam e/ou já atuam, entendendo que vocês são professores podendo atuar em diversos campos? Ex: Escola básica, escolas especializadas, conservatórios, bandas de música, ensino superior...

**E1:** Eu, quando eu vim, eu não tinha essa perspectiva, como eu disse, eu vi a paixão pelo ensinar música, pelo repassar música pra outras pessoas, aqui. Porém, desde que eu acordei pra essa questão do ensinar, eu sempre tive a vontade, dentro do meu coração mesmo, é uma questão mesmo de ser grato à minha cidade, ser grato à minha banda, a banda que eu comecei, eu tenho o desejo de ser um regente de lá. Independente de que, claro, se aparecerem oportunidades como professor de escola pública, da escola básica mesmo, aceito a oportunidade, enfrento, seja lá qual for a oportunidade, é claro que vai ser uma experiência nova, vou aceitar. Porém, o que eu realmente almejo é ser um regente de banda, especificamente da banda da minha cidade.

**E2:** Eu tenho um foco em trabalhar em projetos sociais. Principalmente no meu bairro. Eu venho, digamos, de uma comunidade, periférica, onde tem pessoas que acabam se transformando com a arte. Então eu percebo que dos inúmeros projetos sociais que existem - inclusive eu sou ‘cria’ de um desses projetos sociais - então, as pessoas conseguiram despertar para uma realidade. Então, um dos meus objetivos é adentrar, ficar a frente de um dos projetos sociais e tentar mudar a realidade das pessoas com o projeto. Eu não tenho tanto aquela vontade de ir pra escola básica. Não ainda, porque eu vejo que a escola, apesar de ser um ambiente de aprendizagem, de autoconhecimento do indivíduo, a escola ainda limita muito, entendeu? Então o foco é trabalhar em projeto social, mas também adentrar na escola não pra se encaixar naquele molde que limita, mas pra tentar quebrar essa limitação.

**E4:** No meu caso, antes de eu entrar aqui, eu já dava aula de flauta doce. Mas assim, era aquela aula que não tinha muito daquela fundamentação teórica... eu dava aula pela minha experiência musical. Aí quando eu tive a oportunidade de fazer ENEM, eu pensei justamente - voltando à pergunta anterior - que através dessa experiência com que eu entrei eu conseguiria dar uma aula melhor. Aí meu projeto em si, agora, eu pretendo, saindo daqui, eu pretendo estudar mestrado pra que, quando eu voltar, eu tente implantar um projeto que eu tenho na minha mente há muito tempo lá na minha cidade, com uma fundamentação de música mais sólida. Porque lá tem banda de música, mas sempre depende dos órgãos.

**Lucas:** Mas como seria esse projeto?

**E4:** O projeto é montar uma escola de música lá. Já com fundamentação. Porque aí vai ter eu, vai ter o Rones que tá se formando, vai ter o Carlissom que também são todos de lá, e se a gente tiver lá a gente vai ter base pra apresentar um projeto mesmo pra ser aceito. Mas não descarto ser regente de banda, porque eu sou de banda de música, tenho 25 anos de banda...

**E2:** Porque não unir?

**E4:** Justamente, a ideia é essa. A gente ter a escola de música pra pegar o pessoal de todas as categorias, todas as classes e a banda de música servir como um “onde chegar”, num primeiro momento, pra depois espalhar. O projeto é esse.

**E3:** Eu atualmente tô trabalhando, assim, como colaboradora no geral, trabalhando como atriz e como diretora musical numa escola livre, que é uma experiência que eu acho que poucas pessoas têm acesso, porque o formato da escola livre é totalmente diferente do que a gente está acostumado tanto na escola básica como na universidade, lá eu posso trabalhar com musicalização pra todos, né, do grupo de que eu sou egressa. É uma experiência muito nova e tem sido muito instigante porque quando se fala de musicalização, muitas vezes, lembra ou remete a crianças, né? E nós temos a mesma idade. Então assim... formas de trabalhar, formas de descobrir formas de ‘linkar’ isso com o processo teatral que tá sendo construído. Porque a gente trabalha em módulos. Em cada módulo a gente estuda um tipo de teatro. Então assim, pra mim, eu consigo perceber que o que eu aprendo aqui, muitas coisas eu consigo utilizar pra lá. Tudo me serve. Então eu tô nesse processo de experimento, o ambiente que eu tô me permite experimentar e usar esse conhecimento de outra forma. Atualmente é o que eu tô fazendo: trabalhando como musicalização para atores, direção musical, sonoplastia, não sei se é a área que eu vou continuar, gosto muito de regência, embora eu nunca tive nenhuma experiência concreta regendo, ando observando muito, então... eu gosto muito. Mas ainda não sei que área seguir. Mas o que eu tô fazendo atualmente está me instigando bastante e eu estou gostando.

**E5:** Ligado totalmente a um dos princípios da licenciatura daqui de Sobral, do Curso de Música Licenciatura daqui da UFC de Sobral, que preza muito por essa relação docente e artista, então você é um músico, educador, essa relação é muito bem balanceada dependendo de qual caminho você traça dentro da universidade. Então, nesse momento de escolhe de aonde eu vou estar, de aonde eu quero trabalhar, eu realmente me vejo mais pro lado da performance, é tanto que atualmente eu estou engajado na banda de música, na banda municipal de Sobral e é por esse lado que eu busco atuar. É isso que me faz mais pleno nas minhas atividades profissionais. Mas trabalhar como professor de escola especializada, ou regente de banda, ou até mesmo professor de escola regular, são campos que me interessam em graus diferentes, mas que sim, eu consigo me ver trabalhando em ambos os ambientes.

**3 – Segundo os dados que obtivemos através do questionário aplicado na primeira fase dessa pesquisa, observamos que vocês conheceram a Capacitação de Mestres de Banda de diversas maneiras. Contudo, o que motivou vocês a participar da Capacitação de Mestres de Banda?**

**E1:** A princípio, eu vim motivado pela amizade. Porque assim, eu soube da capacitação aqui, porque eu já cursava, e o professor Marco que coordenava a capacitação fez o convite. Porém, o que me instigou mesmo a participar foram justamente os meus colegas de banda da minha cidade que ficaram também sabendo dessa oportunidade da capacitação e vieram fazer o teste. E se não me engano foi o maior número de músicos que passaram no teste. Vieram várias pessoas da região fazer o teste e a banda de Irauçuba foi a que mais passou. Infelizmente alguns desistiram no meio do caminho e tal, mas isso com toda a certeza me motivou muito: ver a minha cidade e também outros membros da banda participando. Porque eu acredito que se tivesse sido somente eu, porque de Irauçuba, na minha turma, praticamente só tinha eu, e ver outras pessoas que eu conheço, da minha cidade, que também fazem parte da banda de música, me trouxe essa motivação de enfrentar todos os sábados, naquela correria, vir cedo, as vezes a gente ficava aqui até quatro horas da tarde, terminava meio dia mas a gente tinha que esperar o ônibus... acredito que essa questão da parceria da banda de música, entre os

membros, me motivou a participar. Mas claro, no decorrer da capacitação eu pude perceber que foi válido por conta de tudo que eu aprendi, principalmente porque eu almejo ser um regente, um mestre de banda, tudo que eu aprendi ali, eu vi que com toda certeza serviu pra minha capacitação, serviu pra minha formação.

**E4:** Eu fiquei sabendo da primeira pelo maestro da banda lá da cidade. “Ah, vai ter um curso lá em Sobral com professor formado...”. Na época eu fiquei com vontade de vir, só que eu não tinha condições de vir, porque se deslocar de Poranga pra cá é meio complicado, meio contramão. Só que eu vim na época da outra abertura, consegui uma diária com a prefeitura, na época que eu trabalhava na secretaria de cultura, que foi onde eu conheci o Prof. Marco, e daí surgiu também a vontade de vir pro curso de música. Aí depois dessa primeira fase da capacitação, o maestro fez lá, da Poranga. Quando foi na outra turma que abriu, eu vim participar, aí teve uma turma que veio, aos sábados e teve uma hora que o Marco foi e acabou. Eu tava vindo, saía de lá da Poranga e vinha pra cá. Aí quando eu entrei no curso foi mesmo que, pra mim, o que me serve muito é a parte da observação, que eu já consegui pegar muita coisa, sem estar fazendo o curso aqui diretamente como eles fizeram, que vinham pra cá, pra aula de regência, mas o que a gente vê tanto no trabalho da banda como no trabalho da orquestra, a questão da regência e tudo... eu tô aprendendo muito.

**E2:** A minha participação na capacitação, particularmente, faz muita alusão ao meu ensino médio. Eu fiz o ensino médio com a base comum, mas também com uma base técnica em educação musical e regência. E toda vez que eu estou participando dos momentos dos ensaios, me remete muito ao painel FUNARTE que aconteceu no fim do ano passado, onde eu fiz o curso de regência. Só que eu não participei da banda. Eu fui, fiz o curso, mas eu fiquei só observando e tal... E aí me veio aquela vontade de “como seria interessante eu estar ali observando o profissional regendo ou até eu mesmo reger”. E aí eu estava cursando já, já fui fazendo o curso, tava fazendo uma disciplina optativa e a partir dessa disciplina, me veio o convite pra participar. Eu soube que tinha uma seleção, vi o processo e tal... Só que dos instrumentos que precisavam, eu não me encaixava em nenhum, porque a minha área era mais percussão. E aí me veio o convite e foi aquele negócio assim...sabe aquele momento que você fica “será mesmo que eu tenho capacidade pra entrar?”, e no primeiro dia o professor disse “você vai ter que obedecer a dinâmica, se você não obedecer você sai”... tenso. E aí depois eu via a interação das pessoas, eu vi que as pessoas realmente aprendem muito tudo aquilo, sabe? E aí eu sempre fui remetendo ao curso, e o que a capacitação tem me ajudado muito é a eu me organizar mais em relação à minha postura como músico, mas inserido dentro de um grupo. Então tem a questão de trabalho coletivo, que eu posso tocar aqui meu instrumento, mas eu tô ali com um grupo e tal, eu preciso me encaixar, a gente precisa se ajudar, e a entrada no curso de capacitação foi através de um convite. Foi um negócio muito interessante.

**E3:** Eu conheci a capacitação através da prática instrumental, eu estava na prática II, e na minha turma já tinha o Jairo que já participava da capacitação. Aí o professor Marco entregou duas partituras, pra mim e pra Geane pra gente fazer uma leitura de primeira vista. Aí depois que teve esse momento ele perguntou se a gente não tinha interesse de participar da capacitação, que isso ia ajudar muito na prática instrumental. E como eu já tinha tido uma experiência com banda, na época, o maestro de Viçosa, foi meu primeiro professor e ele participava da capacitação. Ele já tinha me falado que seria legal que eu participasse, e com esse convite, eu fui.

**E5:** Primeiramente a minha construção como músico, antes de entrar na faculdade eu

participei por 7 anos da Filarmônica de Tianguá, então está atrelado a qualquer projeto que a universidade poderia oferecer pra essa área e pra mim, seria muito bem-vindo. E aí eu iniciei não primeiramente não na Banda do Norte, na capacitação, mas eu iniciei primeiramente na orquestra jovem, e a partir das atividades e a convite da regente da orquestra jovem é que eu fui me engajar na capacitação. Mas a principal motivação fora o convite foi a afinidade com aquele campo de trabalho, saber que eu poderia desenvolver um trabalho dentro da universidade com o que eu sempre havia feito, então estava na minha zona de conforto.

----

### **Segunda fase:**

**4 –** Dentro dos encontros da Capacitação, a interação com outros músicos de banda com mais experiência, vocês sentem que esse contato contribuiu para sua formação como músico de banda? como?

Ex de possíveis conhecimentos obtidos;

técnico de instrumento  
teoria musical  
postura como músico e regente

**E1:** Inclusive, faz até parte da minha pesquisa, essa pergunta, que é justamente o ensino coletivo, a aprendizagem coletiva. A banda de música acaba proporcionando isso seja aonde for, a banda de música tem essa questão de que, querendo ou não, você sempre acaba aprendendo com aquele que tem um pouco mais de experiência. Então, da minha parte, com toda a certeza, eu aprendi muita coisa com os músicos. Inclusive, na capacitação, já tinha o maestro, o mestre de banda, com anos já de experiência como mestre de banda. Então com toda a certeza, os relatos que eles faziam, de como eles regiam, de como eles ministravam as aulas deles, tudo isso, com toda a certeza, contribuiu com a nossa formação de quem tava participando ali. Inclusive, o pessoal de Irauçuba eram os mais jovens, os demais já eram maestros, mestres de banda e tudo. Nós éramos os mais jovens e as vezes a gente comentava que a gente aprendia muito justamente com isso, com a experiência dos mais velhos a gente acabava adquirindo bastante conhecimento, tirando muita coisa desses relatos que eles faziam.

**E4:** Ajuda bastante é nessa questão mesmo. Porque as vezes você está lá e as vezes tem uma pessoa que tem mais experiência do que você, você acaba meio que se espelhando nele. Quando você chega em uma banda diferente, por exemplo, no começo você pega aquele susto. Aí quando você começa a conversar, vê que ali tem pessoas que são mais experientes e que estão dispostas a te ajudar também. [inaudível] as vezes num relato de uma pessoa mais experiente, as vezes a gente já fez mas meio que não sabia como era, então a gente junta e traz uma experiência boa pra gente.

**E1:** É assim... quem souber aproveitar, adquire muita coisa, muito conhecimento com isso, porque tem gente que, às vezes, por conta de ver alguém com o nível mais alto aí acaba meio que “num sei se eu vou, num sei se eu quero...”. Inclusive, eu acredito que foi isso que fez com que alguns músicos que participavam da participação, lá de Irauçuba, desistiram. Inclusive foi essa questão de alguns deles se acharem –

**E2:** Eu tenho muito disso, de ver um pessoal mais experiente e ficar, tipo, “que reação eu

devo demonstrar já que eu não sei tanto quanto aquela pessoa”. Eu tinha muito disso, mas agora tô mais tranquilo.

**E1:** Não que os músicos mais experientes eles inibem você, intimidam, não. Mas a pessoa por si só ela se sente, às vezes...vendo todo esse nível, acaba desistindo. Só que aquele que quer aprender, com toda certeza, essa experiência, da coletividade das bandas de música, você aprende muito. E mais rápido também.

**E2:** O mais interessante do trabalho em grupo é que cada um traz uma realidade. Mesmo aquela pessoa tendo muita experiência ou não, ela tem uma realidade, ela vai mostrar essa realidade e a gente aprende com essa realidade. Então assim, eu não tenho tanta experiência, acho que de todos aqui eu sou o que está há pouco tempo fazendo o curso de capacitação. Mas apesar do pouco tempo, eu que tô ajudando na área da percussão, eu tô aprendendo mais do que quando eu estava na flauta. E ao mesmo tempo eu estou aprendendo a como estar lá do outro lado, tocando o clarinete, enfim, daí vai. O que me ajudou muito, de realmente a me desenvolver dentro do curso, foi o fato de saber que tinham pessoas experientes. Que apesar de todo mundo estar aprendendo, isso me passou um pouco mais de segurança, de saber que tinham pessoas mais experientes e de saber que eu tinha a quem recorrer se caso eu me enrolasse em alguma coisa ou não entendesse... Então eu acho muito interessante essa questão da prática coletiva, por esse fato de terem realidades diferentes e de que essas pessoas mais experientes vão me passar um pouco mais de segurança. É isso.

**E3:** Isso pra mim se dá com essa questão da observação, da escuta... como o Jackson falou outras vezes, de falar com pessoas de outros naipes, o professor comenta alguma coisa ou essas pessoas comentam, aquilo não se aplica pra mim diretamente naquela hora mas pode aplicar em outra situação. E também a experiência de perguntar, né, “ó, como é isso aqui? eu estou fazendo assim, o que você acha?” “não, aqui é assim” ... As impressões que a gente tem da música, de conversar sobre, [inaudível] então eu acho que tudo isso são as pequenas coisas que vão ajudando no ambiente de aprendizado. Coisas boas e coisas que também, nem tudo é positivo, coisas que a gente aprende também “como eu não vou ser”, “como eu não quero ser”. Eu acho que também, uma coisa interessante que a banda proporciona é a questão de você conhecer os seus vícios. Eu reconheci muitos vícios que eu tinha. Quando eu tocava na outra banda, eu não conseguia perceber porque não tinha esse olhar tão atento do regente. E aqui na capacitação eles estão sempre falando “não faça isso!” ou então “não bata o pé!”, e a gente aprende, reconhece os nossos vícios e aprende com os vícios das outras pessoas, quando eu quero fazer alguma coisa e penso “não...”. Acho que o aprendizado se dá a todo momento por vias diversas.

**E5:** Eu acho que isso me fez gerar uma série de fatores como músico que eu vejo como maturidade: o respeito um com o outro, minha educação como músico, principalmente com relação a dinâmicas de ensaio, dinâmicas de apresentação, organização ou traslado, pra tudo isso você precisa ter uma educação necessária onde o regente chegue pra você e diga “ó, você precisa fazer tal coisa” e você de fato fazer, “você precisa agir dessa forma” e você de fato agir, sem que isso lhe prejudique ou sem que isso lhe deixe chateado ou alguma coisa do tipo. Então, a princípio, a relação com esses músicos mais me trouxe isso, principalmente com relação a respeito. E, não por ter mais experiência, isso signifique que aquele músico toque melhor ou pior que você. Muitas vezes um músico é muito mais experiente que você, mas ele não toca tanto quanto você, e isso te gera uma relação de respeito muito grande. De ver aquele cara como alguém experiente e que tem muita vivência com música, mas não necessariamente ele é um virtuose. Então, é essa relação de respeito ou as vezes até eu, o cara é experiente e

tal, e é um virtuose, toca muito melhor do que você. Então, essas relações de vivências musicais acabam te desenvolvendo um respeito muito grande, de saber “não, eu tô num espaço onde o que eu sei, o que eu faço, do tanto que eu faço, com a qualidade com que eu faço não vai me tornar superior ou inferior. Afinal de contas, tem um cara que toca há 20 anos, mas que não toca tanto quanto eu, ou tem um cara que toca há dois anos que toca muito mais do que eu”. Então, essa relação de respeito, essa maturidade e principalmente a maneira de relação social que você cria com os músicos mais experientes, ou até mesmo não, é o que me trouxe de bagagem com essa relação que eu tive com os músicos dentro da capacitação.

**5 -** A interação com outros músicos de banda com menos experiência que você, dentro da capacitação, contribuiu para sua formação como músico de banda? como?

**E2:** A gente chega a se ver. É como se fosse um espelho, por exemplo. Quando a gente conhece uma pessoa que tem um pouco menos de experiência, eu me vejo na pessoa. Porque é como se fosse um ciclo porque eu lembro que eu já fui assim. Em um momento ela pode estar me pedindo ajuda pra alguma coisa, ou ela está com dúvida em algo, não tá conseguindo ver algo e eu vou lá e tento ajudar, e aí eu vejo que eu já passei pela mesma situação que a pessoa. E isso é muito interessante porque mostra o desenvolvimento. Mostra que eu me desenvolvi, mostra que por algum acaso eu me tornei mais experiente que ela, mas também mostra que ela também vai ter a capacidade de se desenvolver e conseguir (é um negócio que soa meio pejorativo...), mas conseguir me acompanhar. E a gente conseguir se entender. Porque apesar das nossas diferenças, a gente tá falando a mesma linguagem, e apesar da gente ter pouca experiência ou mais experiência, a gente vai conseguir se desenvolver. É interessante isso, eu me vejo muito na pessoa.

**E1:** Eu creio muito na questão do “ser grato”. Se em algum momento eu aprendi com alguém, eu acredito que eu posso retribuir a gratidão fazendo a mesma coisa que esse alguém fez por mim. Na banda de música lá da minha cidade, eu aprendi muito com um colega. O mestre de banda ia duas vezes e no resto da semana a gente ensaiava sozinho. E eu, como novato, aprendi muito com meu colega. E isso também me motivou a também querer ser um regente justamente por conta disso, pela questão da gratidão. Hoje eu vejo que eu, assim como ele me ajudou em muitas questões musicais, eu poderia ajudar outras pessoas. Eu acho bastante proveitoso, eu ver alguém que as vezes sabe menos do que eu e eu poder ajudar. Eu me sinto eficiente, eu sinto que valeu a pena a formação; a formação não serviu somente pra mim. Mas a formação que eu adquiri na banda, na capacitação, serviu pra que eu pudesse ajudar e também influenciar outras pessoas a serem músicos, a optarem pela música também.

**E4:** Eu vou pelo gancho do Crispim, que ele se vê. Eu também me vejo na pessoa só que eu não vou ser... Quando eu estava nessa situação de ‘menos experiente’, eu passei por uma situação em que eu fui perguntar pra uma pessoa que era mais experiente e ele simplesmente me ignorou. Disse que eu ficasse em casa tentando que dava certo. Então hoje, eu faço o contrário. Eu não repito essa situação. Eu vou ajudar de qualquer maneira, porque a gente não aprende só pra si. Você tem que aprender e repassar.

**E2:** E essa é a parte interessante, na verdade. Você aprende e ensina ao mesmo tempo.

**E4:** E as experiências que a gente tem [inaudível] é muito gratificante, porque depois que você vai lá e ajuda, aí passa um tempo sem ver a pessoa e quando ela volta, ela diz “olha, lembra daquela dica que tu me deu? Eu consegui”. Não tem dinheiro no mundo que pague.

**E3:** No meu caso, eu não vejo isso. [inaudível] talvez eu seja uma das pessoas menos experientes, eu sempre peço ajuda, inclusive pro Lucas. Eu acho que a minha contribuição em relação a isso, acho que até mesmo pela proximidade, foi com a Geane, porque ela não tinha tido experiência com banda ainda. Então eu acho que essa questão da experiência é mais o receio de algo diferente, e acho que a minha contribuição foi no sentido de “não, vamos ficar”, “vamos tentar”, “a gente está aqui pra aprender”. Eu acho que minha contribuição foi mais nesse sentido do que no contexto musical prático.

**E4:** Falando sobre essa situação de ajudar, eu vejo muito na prática. Não na prática instrumental, porque na minha turma a gente entrou, tinha uns que já tocavam e outros que nunca pegaram em instrumento. Eu senti que deveria incentivar.

**E5:** Eu acho que contribui principalmente pelo fato de que você se torna responsável por aquele conhecimento que você tem. E aí, não atrelar aquele conhecimento principalmente à falta de amor e levar aquele conhecimento pra crueldade, onde você tem um conhecimento e ao invés de você ajudar alguém você critica aquela pessoa porque ela não tem a experiência que você tem e acaba sendo cruel, ou você despreza as pessoas que não tem aquela mesma carga de conhecimento que você e novamente se torna cruel... Eu acho que a capacitação me ajudou a ter respeito por essas pessoas e me ajudou a me ver como responsável pelo conhecimento que eu tenho. Então, no momento que eu tava em um ensaio que um colega não sabia de algo, um colega precisava de algo, a capacitação me levou a enxergar aquela pessoa como eu era um pouco antes. E aí eu tento ajudar das formas como eu posso, tento me fazer presente no momento que, sei lá, tem uma passagem que é mais difícil e o meu colega chega pra mim e “ah, eu não consigo tocar isso”, então, sei lá, chegar e adaptar o meu som, se é meio forte eu toco forte pra adequar o naipe ou coisas desse tipo, mas sempre com paciência, sempre tentando ver que aquela pessoa só tá aprendendo, ela só tá num processo que eu já fiz, mas que num tempo muito antes do meu. Então, eu acho que a capacitação me ajudou muito e contribui muito nessa minha relação com os menos experientes justamente nisso, como eu já havia falado pros já experientes, né... principalmente respeito: respeitar a diferença de relação de conhecimento que aquelas pessoas tem.

**6-** O conteúdo ministrado na CAP influenciou a sua formação como professor\*?  
Quais conteúdos foram mais marcantes e porquê?  
(Quais desses conteúdos você leva para sua prática como professor e porquê?)

**E1:** No início, a capacitação não era somente os ensaios da banda, ela ofertava também as oficinas. Tiveram oficinas de edição de partitura, tinham as oficinas de regência que eram as mais comuns (todos os dias), teve a oficina de elaboração de projeto, teve a oficina de análise de partitura, então eram várias oficinas que realmente iriam capacitar o mestre de banda. E a banda de música era o resultado de todas as oficinas e de todo o conhecimento que a gente adquiria e resultou na banda de música.

**E4:** Pra mim mudou a questão de permitir, tipo, liderança de grupo. A postura que o regente tem diante da banda. Na questão da própria regência, de como você deve se comportar, de como você deve liderar, essa questão eu observo muito. Desde quando eu comecei mesmo a capacitação dentro do curso, mudou muito a, porque quando eu ia lá pra banda da Poranga reger, era um negócio que era só pra estar ali, pra marcar o tempo de começar e o tempo de terminar. E eu vim pra cá, vendo a questão dos ensaios e vendo as regências, eu já mudei o modo de comandar um pouco, da frente da banda, [inaudível], isso me ajudou bastante.

**E1:** Você perguntou né, o conteúdo mais marcante... O que eu gostei mesmo foi a regência. Todas as outras oficinas, todos os outros conteúdos abordados foram proveitosos, a gente pode tirar algum proveito disso. Mas a regência em si, ela foi, digamos assim, a mais marcante. Inclusive porque eu tive que reger, num evento que foi justamente lá na Poranga, eu regi uma das músicas, então a regência pra mim foi uma experiência que, embora eu já tivesse em mente ser um regente, eu não sabia o que era, eu nunca tive uma experiência, eu nunca tinha vivenciado o que era uma regência. E de repente, na capacitação, ter tido essa oportunidade, não só de reger um ensaio, mas de reger em uma apresentação e um evento que nem era especificamente da banda do Norte, no caso. Era um evento bem maior, um encontro de bandas, tinha muito mais gente, tinha um público bem maior e a maioria do público era músico de bandas... então pra mim, a questão da regência foi a mais marcante, foi a que mais marcou, e com certeza foi o que me incentivou mais ainda a querer ser um regente.

**E2:** Olhando por essa perspectiva, a gente percebe que quando a gente fala “conteúdo”, “o conteúdo trabalhado” e tal, a gente vê que o conteúdo trabalhado vai muito mais além do que a música que você pega pra ensaiar e tocar. Ela vai muito pra observação, pro momento, pra estética das coisas. Assim, o que me marcou muito foi o fato da gente estar estudando hinos, estar tocando hinos. OK que eu estou há pouco tempo na banda, mas mesmo com o pouco tempo, a gente já vai conseguindo passar por algumas perspectivas diferentes em relação a repertório. E agora a gente estudando os hinos, traz muito todo aquele contexto cultural que está ligado àquele hino. É uma viagem no tempo. Não sei vocês, mas quando eu estou lá tocando me vem muito a idade daquele povo, como as pessoas viviam naquela época, a gente vive no mesmo país mas tanta coisa já mudou... isso acaba remetendo também a que tipo de mudanças você precisa realizar pra mudar a realidade em que você vive. Então me marcou muito o fato da gente estar estudando os hinos e isso nos remete muito a todos os contextos culturais que estão ligados ao hino.

**E3:** Não é fácil pra mim dizer o que mais me marcou, porque pra mim é tanta coisa, é tanta informação... Mas o que eu posso dizer é essa questão de observar o “caráter” da música. Como eu devo tocar um hino ou como eu devo tocar outra peça. Como muda de uma coisa pra outra... que era algo que pra mim, em questão de banda de música, só aconteceu na capacitação.

**E4:** E outra coisa, só pra complementar, na questão da regência, você perceber que está aqui (nas mãos do regente) a música, sabe? Quando você consegue fazer e chega no final da música bem certinho, você percebe que está tudo aqui. Dá uma sensação muito boa.

**E2:** E é mais interessante ainda que, quando você está regendo, você sentir esse caráter, você sentir essa mudança de textura e ver que você também é o que os instrumentistas vão ter que passar esse caráter [inaudível] o instrumento e o que você tem nas suas mãos e você tem que usar as suas mãos como um instrumento. É muito legal.

**E1:** Um ponto aqui que ele falou nessa questão de vivenciar, dessa viagem no tempo, tanto a questão da sonoridade, da textura, que você está sentindo ali na música, mas quanto a capacitação, pelo menos quanto o Marco pegava uma peça e ia passar pra gente, ele contava a história da peça todinha antes de ele começar a reger, antes da gente começar a tocar. E isso também é uma riqueza de conhecimento. E isso também, quando a gente vai tocar a gente começa a imaginar toda aquela história. Querendo ou não, você começa a se sentir num ambiente totalmente diferente, começa a vivenciar tudo aquilo que ele falou que aconteceu na história da música. Às vezes é uma música que você não para pra pensar que ela tem uma

história. A música tem uma história toda por trás, de como ela foi composta, o que aconteceu pra ela ser composta, enfim, várias questões bem legais que você não para pra pensar, você toca uma música por tocar. Mas conhecer a história dela também é um conhecimento bem legal, você se entrega mais à música, você vive mais a música.

**E2:** Sem falar que você consegue externalizar aquilo de uma forma que as pessoas que estão ali lhe assistindo/ouvindo, conseguem sentir isso também. Quando você percebe que conseguiu transmitir esse caráter através das mãos, através da experiência, isso também é algo que te motiva e te impulsiona a seguir.

**E5:** Eu acho que o que mais me marcou foi o teor organizacional, afinal de contas a maneira, a sistemática, eu já estava muito bem acostumado, principalmente pela minha formação, que no caso, já era músico de banda. Então a sistemática do ensaio foi o que me ajudou a saber a disposição, como eu coloco as cadeiras pro ensaio, como eu coloco a disposição dos naipes dos instrumentos, a sistemática que o ensaio deve ter, o período para aquecimento, afinação, e aí algumas músicas que remetem essa transição de aquecimento pra de fato o repertório em si, ou as injeções de conhecimento que você tem que ter durante o ensaio, afinal de contas não é todo o repertório que os seus músicos vão abranger, aquele conhecimento que tá na partitura e vice-versa. Então, existe um momento de injeção, onde tem um símbolo que os teus músicos, onde tem um símbolo que você não conhece e você precisa do maestro pra entender... então foi mais nessa sistemática de ensaio, nessa sistemática de conhecimento que eu adquiri mais através da capacitação, não com relação tanto a repertório, não com relação tanto à maneira com que a metodologia era empregada, mas essa sistemática que até então, não tinha tido um contato direto com isso a ponto de por vezes organizar isso de algumas formas e tal... Então eu acho que mais sistemática de ensaio, esse contato com o processo foi o que eu mais adquiri através da capacitação.

## 7 - O que você leva da CAP para sua prática docente?

**E1:** Além do conteúdo, do conhecimento, com toda certeza e eu acredito que a maioria das pessoas vão concordar, é a experiência. A experiência de conhecer as diferentes realidades que cada um ali pode te proporcionar. Pela experiência dos outros, você poderia se sentir mais confortável caso você viva aquela realidade daquela pessoa. A gente nunca sabe, um dia eu posso estar aqui e em outro dia eu posso estar em outro lugar. E conhecer a realidade das outras pessoas, com certeza é uma experiência que a gente pode utilizar no futuro. Vai que em um determinado momento eu possa enfrentar a mesma dificuldade dentro do ensino da música, dentro da banda de música ou quando ele tiver tocando, seja lá qual for o acontecimento. Então, o que eu vou levar mais é a experiência que eu adquiri principalmente com os relatos. Porque eu achava muito massa quando o Marco abria a oportunidade para as pessoas comentarem como era na sua banda, como era na sua cidade, e isso é de uma riqueza de conhecimento e de uma experiência que com toda a certeza eu vou levar para a minha vida.

**E2:** Quando a gente está em um processo de aprendizagem, e você tem esse salto de você ser aquela pessoa que está aprendendo e salta pra aquele momento em que você vai ser aquela pessoa que vai fazer com que outras pessoas aprendam, você sempre vai querer passar pra ela aquilo que você aprendeu e tentar fazer com que elas vivenciem as mesmas experiências que você vivenciou. O que eu creio que vá ficar como legado, na minha memória em relação a capacitação, vai ser a palavra “junção”. Junção em várias perspectivas: a junção do caráter, a junção da experiência, a junção de união mesmo, de você estar inserido no grupo, que apesar de você tocar só três compassos dentro de uma música, aqueles três compassos vão ser

essenciais para a música. Eu acho que é esse espírito de coletividade, esse respeito e essa questão do autoconhecimento, de você conseguir se estabelecer, sabe? É isso que eu vou conseguir ter na memória, que vai marcar, que eu vou conseguir levar, é que todo mundo que está alai é importante. Inclusive, não só quem está tocando, não só quem está regendo, mas também quem está assistindo. É como se fosse uma peça, um espetáculo teatral. Você estar ali, você vai ter que interagir com o público e o público vai fazer parte da história. Ele não vai falar nada, vai só assistir, mas ele vai fazer parte da história. E é você ter essa ligação com o regente, com a pessoa que está tocando o mesmo instrumento que você, com a pessoa que está do outro lado da banda tocando um instrumento completamente diferente do seu e com o público que está te ouvindo, que tá te vendo. Junção.

**E4:** Pra mim é a questão da experiência também. Tipo você sair daqui com uma base e tentar enfrentar qualquer tipo de situação. Como na questão dos relatos, você acaba ouvindo uma coisa, pega pra si e já pensa que um dia você pode passar por uma situação dessas. E através dessas experiências você já sai daqui bem embasado pra caso uma situação aconteça, você já tem uma base de como reagir. Então pra mim, isso vai ser o que vai me ajudar. A experiência, a troca de experiência. Você saber que você vai ser deparar com N situações e saber pelo menos como começar a tentar suprir essa necessidade.

**E2:** E é massa que você as vezes nem vivenciou essa situação, mas já tem uma ideia de como ela pode acontecer, de como você pode agir.

**E1:** Infelizmente, nunca vai ser a mesma coisa, mas pelo menos vocês, de certa forma, ganham um pouco de confiança. Se algo acontecer, eu não vou ficar só parado esperando... você vai ter segurança para [inaudível]

**E3:** Pra mim, a capacitação é “o algo a mais”. Por exemplo, eu faço aula de regência, faço aula de percepção e faço aula de prática instrumental e a capacitação é o algo a mais. Porque embora a gente tenha essas disciplinas específicas, não abrange tudo. Então ali na capacitação eu sei que eu vou ouvir e ver coisas de regência que ainda infelizmente não está na disciplina, como em outras disciplinas. Então eu acho que é uma forma de colocar o conhecimento que a gente já tinha adquirido em algumas disciplinas, prático [inaudível] e de você se questionar “porque que aqui é assim e eu vi de outra forma lá?” ou o oposto, entende? Então eu acho que o que a capacitação vai trazer pra mim nessa prática docente é que eu não vou chegar lá só com a teoria de muitas coisas. Eu já vou ter visto, já vou ter vivenciado... um exemplo, uma questão de conseguir manter um andamento nas peças e observar “como é que o regente faz?” ou “como é que ele tenta descobrir onde está o problema?”. Eu acho que pra mim a contribuição é nesse lado prático e muitas vezes, pra mim, é uma forma de organizar as coisas.

**E1:** Como se fosse o PIBID ou outros projetos, como o estágio. Você aprende um monte de coisa na teoria e não sabe, tipo, se não existisse o PIBID, a capacitação ou se não existisse o estágio, provavelmente quando a gente chegasse lá fora... achei bem legal essa sua colocação, realmente. O que você aprendeu aqui, numa disciplina aqui ou aculá, você vai encontrar aquilo dentro da banda de música, você vai reconhecer, você vai “aaah, agora faz sentido”.

**E2:** É porque o que a gente vê muito na teoria, tem muita ligação com a perspectiva de um pensamento de alguém que viveu uma realidade completamente diferente da nossa, mas eu propus uma ideia e essa ideia pode perpetuar por outras gerações e que pode dar certo. Mas ao mesmo tempo com a capacitação você percebe que aquela ideia se habita a uma realidade,

mas de uma forma diferente. E que você só consegue perceber com a experiência.

**E5:** Eu acho que, principalmente, fazer os estudantes serem participativos dentro da minha prática como docente. Na capacitação a gente não teve tão aprofundado e isso me frustrou um pouco, mas a gente de algumas formas, contato justamente com essa sistemática de ensaio, com um pouco da metodologia do regente, ou dos regentes, afinal de contas, no tempo que eu passei na capacitação, a gente teve quatro regentes: o Marco, a Adeline, o Renato e o Jairo, então a gente tinha que realmente saber se relacionar com os sinais de cada regente, mas dentre esses quatro regentes, os dois, no caso o Renato e o Jairo, eles eram estudantes. Então ter essa ligação, saber que eu posso colocar meu estudante pra participar, de uma forma como eu seria o responsável, e tentar trazer alguém que fala a linguagem da minha turma e que faz parte da minha turma, pra frente, e tentar levar atividade, então são esses pequenos detalhes que eu acho que são as coisas primordiais que eu vou levar pra minha carreira como docente. Saber quais são os momentos certos pra cada coisa, tem o momento de brincar mas tem momento que a brincadeira infelizmente tem que ser cortada ali porque o trabalho tem que acontecer, existem locais pra cada coisa, existe local que você pode brincar com alguém, existe local que você não pode, existe assunto que você pode brincar com alguém, existe assunto que você não pode, isso não na vida social como um todo, mas na vida de banda, como banda ou como sala de aula. Então eu acho que foram esses fatores assim que mais eu vou levar pra minha carreira docente.

**8 -** Vocês se sentem aptos para trabalhar na formação de bandas e orquestra de sopros após participar da capacitação?

**E1:** Eu acho que as vezes o medo cega a gente. Nós sabemos que somos capazes, só que as vezes a gente tem medo do “algo novo”. Não sei se vocês já vivenciaram algum trabalho em banda de música, eu quebrei esse medo porque já iniciei. Mas antes disso, eu tinha um medo muito grande de “eu acho que eu não sei, eu acho que não vou conseguir”, “eu acho que não tenho a capacidade”, mesmo eu sabendo que eu aprendi muita coisa, que eu vivenciei muita coisa e que eu saberia. Mesmo eu sabendo disso, parece que o medo cega. E quando você enfrenta esse medo e pensa “vou tentar, vou fazer o meu máximo”, e você vê as coisas dando certo e você vê também as coisas não dando certo, você vê os dois lados. Mas aí você começa a perceber que mesmo assim você tem essa capacidade, então eu, particularmente, eu sei que eu sou capaz e eu sei que sim, eu poderia estar à frente de uma banda. E eu sei que durante, claro que eu não iria ser o melhor regente, não ia ser o melhor mestre de banda, eu sei que com a experiência de mestre de banda eu iria adquirir essa bagagem toda pra que a cada dia eu viesse a ter mais confiança naquilo que eu faço, com toda a certeza. Mas com toda a certeza eu digo que sou apto a trabalhar como mestre de banda, a reger uma banda, com toda a certeza.

**E2:** Eu acho que, no momento atual, eu não me sinto totalmente apto ou capacitado. Porque eu sinto que não vivenciei experiências tão diferentes, ou as vezes, uma variedade de experiências. Eu estou inserido no curso de capacitação há pouco tempo e nesse pouco tempo, a gente já trabalhou muita coisa, tanto com a observação como com repertório ou com análise de alguma coisa, mas eu sinto que eu preciso viver um pouco mais pra não ter mais esse medo, pra sentir essa segurança de que “não, agora eu acho que dá certo”. Então, no momento atual, eu não me sinto totalmente capacitado, sinto parcialmente. Sinto que devo vivenciar coisas ainda.

**E4:** Eu acho que juntando tudo que eu fiz antes e agora depois que entrei na faculdade, eu me

sinto mais seguro em assumir um compromisso desse tamanho. Chegar, assumir um grupo e estar mostrando... Antes eu pensava que eu tinha, mas não tinha a gama de conhecimentos que eu estou pegando agora. Depois da capacitação e agora na faculdade, já me dá mais segurança de chegar e assumir um trabalho assim dessa forma. E o PIBID também me ajudou muito, porque como eu trabalho com sopros, é uma coisa bem parecida com a banda de música. Já me dá mais segurança de chegar e executar um trabalho como assumir uma banda de música. É como se eu tivesse juntado tudo. Eu tinha uma prática, mas não era aquela prática, digamos, correta. E aqui a capacitação me ensinou a, como falei da outra vez, a como abordar certas situações e chegar e assumir o trabalho.

**E3:** Eu não sei se me sinto totalmente apta pra assumir uma banda, por exemplo, talvez se isso fosse processual, talvez se fosse um grupo menor eu me sentisse mais confortável porque, embora eu tenha observado muito e me interesse por essa parte da regência, eu nunca tive nenhuma experiência prática com isso. Então eu acho que até o momento em que você [inaudível] deu certo ou não deu certo, até chegar nesse momento, eu acho que tem bastante segurança. Talvez se eu tivesse alguma experiência prática orientada, porque eu peguei na capacitação mais na parte dos ensaios mesmo, na observação. Então eu não sei se eu me sinto totalmente apta por uma questão de segurança nessa questão da regência. Acho que precisa começar e eu ainda não comecei, não tive experiência com regência ainda.

**E1:** Quando eu falei do medo, eu falei mais especificamente sobre mim porque eu já neguei trabalho com banda, mesmo se fosse um grupo menor, eu particularmente já cheguei a negar porque eu tinha medo, eu achava que não era capaz. E muitas dessas pessoas, inclusive, era o professor Marco que tinha me indicado, chegou a indicar meu nome e eu acabei negando. E eu acredito que, se ele indicou, ele viu que tanto eu poderia ser capaz quanto eu poderia adquirir experiência com aquilo, aprender mais com aquilo. Só que justamente por conta do medo eu acabei não assumindo, justamente o medo de estar inseguro, eu ainda não tinha vivenciado muita coisa, eu ainda não tinha vivenciado uma prática de regência nessa época, eu ainda estava no início da faculdade, tinha feito um semestre só. Então eu acho que, particularmente, eu, o medo me travou e me cegou em muitos momentos em ver se eu realmente estava apto ou não. Hoje, eu me vejo apto. Hoje eu já deixo o medo de lado e hoje eu já me vejo apto a cuidar de uma banda. É claro que eu vou, em alguns momentos, se fosse pra eu reger na capacitação, na Banda do Norte, é claro que o medo já viria e ia querer colocar aquelas barreiras porque eu ainda não vivenciei cuidar de uma banda tão grande. Mas claro, na minha realidade que é a banda de Irauçuba, eu já me sinto bem mais apto.

**E4:** Quando eu falei na questão de segurança, é assim. Antes de eu chegar aqui, vez em quando eu ia lá pra frente da banda da Poranga. Eu sentia que eu ia fazer, mas o medo e a insegurança as vezes não me deixavam fazer o que eu queria. Depois que eu vim pra cá e entrei na capacitação, a minha primeira experiência mesmo de banda foi lá, de pegar uma peça e vamos trabalhar essa peça, vamos fazer parte aqui, parte tal, eu quero assim e tal, e a prova de fogo foi apresentar essa peça no Encontro de Bandas lá em Nova Russas. E eu me senti totalmente seguro e, a questão que eu falei, de você estar com a peça na mão, na frente da banda? Então, eu senti essa segurança. Então por isso que eu disse que agora eu já estou mais seguro [inaudível].

**E2:** Essa questão do medo, insegurança, falta de confiança no que se faz, é uma questão natural e comum pra todos, por incrível que pareça. Tem uma frase que diz que “quem vive com medo, vive pela metade”. Mas a gente precisa viver em alguma parte da nossa vida com medo. Ele ao mesmo tempo que pode ser o inimigo que vai fazer você negar um projeto,

negar uma liderança de grupo, ele ao mesmo tempo também vai te dar forças pra você se superar. Então é algo comum, é algo natural pra todos. E a quebra desse medo, a quebra dessa barreira vem de muita coisa. Da experiência que você adquiriu, do mestre que estimulou você, que indicou você... As vezes a gente não acredita muito na gente. Às vezes acho que falta muito disso, da gente não acreditar no que a gente fez, no que a gente viveu, na bagagem que a gente carrega. É muito comum uma pessoa elogiar a gente e a gente “nossa, não acredito que sou capaz de fazer isso”. Então, o curso ele traz muito disso. De você acreditar em você. É como se você reconhecesse o seu lugar. E quando você se reconhece e quando você sabe que está aprendendo, você quebra o medo e a insegurança e consegue fazer.

**E5:** Eu acho que de toda forma, vão haver competências que sempre vão me faltar até que eu esteja a frente de um grupo como esse. Mas, de tudo que eu já citei, eu acho que sim. De maneira não completa e de maneira que, não que um dia eu me veja completo, mas eu acho que com o conhecimento que eu consegui angariar através da capacitação, eu me sinto preparado justamente por ter esse contato no “fazer”, no processo, na sistematização de um projeto que foi a capacitação, que é a capacitação. Então, ter o contato com uma coisa que era uma coisa tão pequena, na época que foi reaberto e que foi a época em que eu entrei, então foi um projeto que meio que começou novamente, começou meio que do zero, com várias problemáticas e tal, então a gente passou a tentar resolver isso. Então, por ter tido contato com esses diversos conhecimentos eu creio que sim, eu estou apto, mas como eu já disse, não de forma completa. Afinal de contas ainda vão ter conhecimentos que eu ainda vou precisar ter contato, mas só vou ter contato e a necessidade de usá-los se eu tiver a frente de um grupo como esse. Mas o trabalho da capacitação de mestre de banda realmente me tornou apto a liderar um grupo como esse ou até poder ensinar alguém que já lidera a liderar melhor... Eu acho que consegui construir um ponto de vista apto a estar à frente de um grupo, ou uma banda, ou uma orquestra, enfim.